

Ponte de Lima

boletim municipal

Ano VI
Número 16
Julho 2002





I desenvolvimento

Mercado Municipal

I ambiente

O novo Jardim dos Terceiros

I educação

Escola EB1 de Navió
Mais um Prémio Merecido

I homenagem

José Manuel Lopes Júnior Mestre Pedreiro

I património cultural e religioso

Corpus Christi
Os Tapetes de Flores

ficha técnica

Número: dezassess | Julho 2002

Publicação: quadrienal

Propriedade e Edição: Câmara Municipal de Ponte de Lima

Director: Daniel Campeão Presidente da Câmara Municipal de Ponte de Lima

Redacção e Coordenação Editorial: Ovídio de Sousa Vieira

Design Gráfico: Zainirêz Rua S/nº Ildefonso, 85 - 5º s4 Porto zainires@mail.telepac.pt

Impressão: Tipopraço - artes gráficas, Ida Lugar do Barreiro, Rua 1, Vila de Prado

Fotografia da Capa: Amândio Vieira Depósito Legal: 103183/96

ISSN 0873-1543

Tiragem: 4000 exemplares

Correio electrónico:
boletim@cm-pontedelima.pt

Distribuição: gratuita

É preciso ser Não basta parecer

Editorial



A falta de seriedade na acção política e mesmo no exercício do dever de cidadania leva-nos a pensar para onde vai esta sociedade que nos habituamos a chamar de civilizada e moderna. Para onde vai esta sociedade que todos dizem ser orientada pela expressão máxima da democracia e que afinal se fundamenta no seu valor mais forte e sagrado – a liberdade. Vejamos o que recentemente aconteceu entre nós a propósito do concurso de ocupação de espaços no Mercado Municipal:

Os anteriores ocupantes de espaços do Mercado pretendiam que o Município não realizasse qualquer concurso, ajustando caso a caso um valor de ocupação para os próximos 10 anos, ultrapassando assim os Regulamentos Municipais e as leis gerais às quais obrigatoriamente obedecem os Municípios e a Administração Pública.

Naturalmente que se comprehende a atitude destes cidadãos pois a natureza de qualquer pessoa é fugir a encargos sendo também a de muitos portugueses fugir ao fisco e aos deveres para com a sociedade e o País. Será contudo essa uma atitude justa e transparente? Mais grave é verificar que alguns desses cidadãos consideram a decisão unânime da Câmara Municipal como um roubo e um acto de prepotência, chegando mesmo a apelidar o Presidente da Câmara como o maior ladrão e o maior vigarista do nosso burgo. Outros há que, pelo contrário, consideraram o processo como o mais transparente possível apesar dos custos que tal poderia significar para os seus negócios.

Para os que se lançaram em fúria contra a Câmara Municipal mais justo e honesto seria o Presidente da Câmara entregar as lojas e os espaços a meia dúzia dos seus amigos tornando-se assim mais querido e mais simpático entre os potenciais beneficiados, mesmo contrariando a lei e os regulamentos em vigor.

Até aqui todos compreenderão com facilidade as reais motivações e até eu compreenderei o sentido dos verbos e adjetivos com que me presentearam.

Se tal compreensão se admite para os comerciantes que detinham espaços por valores simbólicos e que agora terão de pagar valores mais elevados e reais, ao valor do mercado, o mesmo não se pode admitir para alguns responsáveis políticos e fazedores habituais de opinião. Com efeito, exactamente os mesmos que há poucos meses atrás se insurgiram contra o ajuste directo de aluguer de espaços no antigo Matadouro por falta de concorrentes a dois concursos sucessivos (apesar de o mesmo ter enquadramentos legal), esses mesmos vieram agora clamar em sentido contrário defendendo que a Câmara Municipal deveria ceder as lojas do Mercado sem qualquer concurso público, em clara violação da lei geral e em clara violação dos Regulamentos Municipais.

Para qualquer leigo em matéria jurídica é claro que a adjudicação de espaços públicos em desrespeito pelos Regulamentos ou leis aplicáveis é ilegal e tal acto seria anulado em qualquer momento pelos Tribunais a requerimento de qualquer cidadão. Para lá das questões jurídico legais, que não se pretende aqui discutir, levanta-se a grande questão da defesa do interesse público Municipal e o papel dos agentes políticos neste processo fundamental para a justiça do desenvolvimento do Concelho.

Todos sabemos que gente há na actuação política que professa a lei do quanto pior melhor. Outros há que conseguem ter sempre uma opinião diferente da decisão do Executivo Municipal, cuidando que dessa forma conquistarão notoriedade e oportunidade de alternativa no futuro à actual gestão Municipal. Pena é que essa alternativa seja tentada por actos que em nada dignificam o Poder Local nem a Democracia e que na sua essência prejudicam gravemente o interesse colectivo de cerca de 50 mil cidadãos que da actuação da Câmara esperam transparência, equidade e gestão responsável, a favor dos grandes objectivos oportunamente sufragados em todo o Concelho.

Imagine-se o que seria um Concelho gerido sob a égide dessa irresponsabilidade, ao sabor do vento e das sondagens de popularidade, mudando de discurso e de atitude sempre que tal fosse eleitoralmente conveniente.

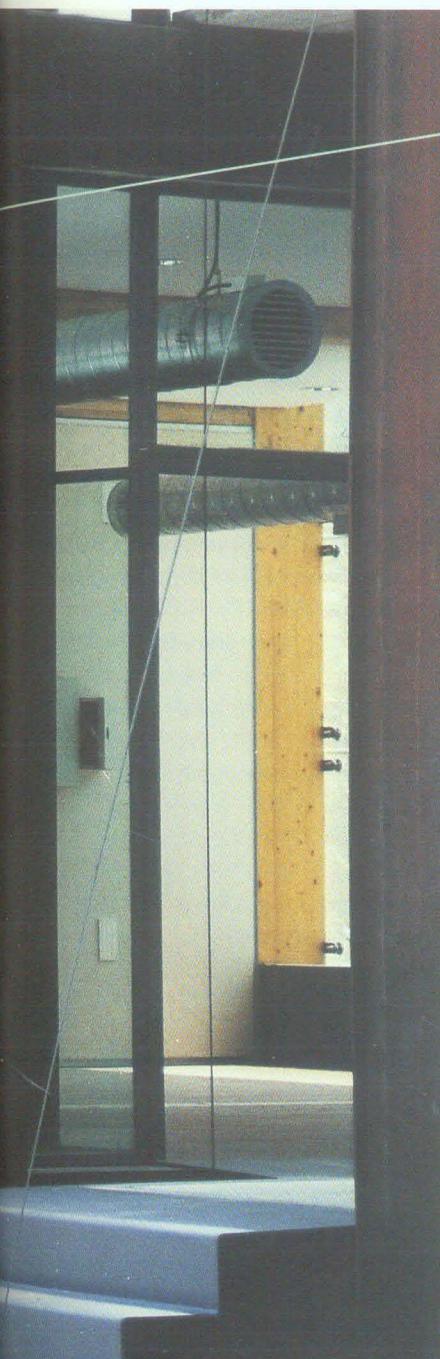
A propósito do exercício da actividade política e da seriedade que tal exercício exige, é caso para dizer: **não basta parecer sério e responsável, é preciso sê-lo** de facto em obediência ao respeito por todos os cidadãos.

Daniel Campelo
Presidente da Câmara Municipal

Mercado Municipal



Valorização sem Descaracterização



fotografias: Amândio Vieira

Totalmente renovado e de portas abertas a toda a comunidade, o Mercado Municipal encontra-se concluído após as intervenções de recuperação e valorização, naquela que é a obra de maior vulto financeiro jamais realizada pelo Município. Os dois principais parâmetros que pautaram a intervenção foram a requalificação e a criação de um novo espaço.

No que respeita à requalificação, incidiu sobre a parte nobre existente, mantendo-se os três torreões e as lojas que ficavam entre eles – confrontantes com o Largo do Dr. António de Magalhães e o Passeio 25 de Abril -, valorizando-se a utilização da madeira, salientando o existente e preservando as características arquitectónicas do edifício com especial destaque para os tectos, caixilharias e a manutenção das cores originais, com predominância para o branco.

O novo espaço é constituído por mais lojas, pela nova praça do mercado e pela construção de um parque de estacionamento com capacidade para 80 viaturas. A praça do Mercado Municipal vai aparecer com um aspecto totalmente renovado, sendo a sua área idêntica mas tendo aumentado o espaço comercial através do maior número de lojas – 43 espaços comerciais destinados às mais diversas áreas que variam entre os 16 e os 240 metros quadrados. Outras actividades poderão ser realizadas no espaço da praça, nomeadamente eventos de carácter social, cultural e recreativo, tais como feiras, exposições, bailes, concertos..., matando saudades do tempo em que esta estrutura, conjuntamente com o Teatro Diogo Bernardes, eram os grandes centros de acolhimentos de variados e inúmeros eventos.

A nova face da praça do mercado é evi-

dente e notória. Em termos arquitectónicos, toda a estrutura é suportada por pórticos de ferro aos quais foram adicionadas estruturas de madeira (pinho-nórdico) e ferro para a criação dos novos espaços comerciais. As paredes são constituídas por painéis sanduíche de madeira com isolamento interior em lã de rocha e forradas, numa das faces, em chapa de cobre tipo camarinha.

No que respeita à cobertura da praça do mercado, com um visual inovador e moderno, é composta por vigas de madeira cobertas de vidro e está suportada por tirantes na estrutura dos pórticos de ferro referida. A aproximação da nova estrutura à Avenida dos Plátanos é evidente e todo o conjunto permitirá uma interacção, não só de feiras e mercados, como também de outros tipos de eventos que até agora se limitavam à área da artéria citada.

Os novos elementos utilizados integram-se perfeitamente no conjunto e as surpresas são uma constante através das inúmeras transparências e reflexos dos vidros a contrastar com as madeiras e metais utilizados.

Sabemos que nem sempre este tipo de intervenção se torna agradável para aqueles que, eventualmente, são mais avessos às linhas da arquitectura moderna. Porém, a Câmara Municipal não teve dúvidas em apostar numa qualificação diferente e assumidamente contemporânea e julgamos que os Municípios, através de uma discussão salutar, devem analisar a mesma como um dos maiores melhoramentos que Ponte de Lima obteve nos últimos anos. Esse tipo de discussão é uma característica das nossas gentes e aproveitamos para registar nestas páginas alguma da polémica que há anos se gerou aquando da >



decisão da construção do Mercado Municipal no local em que hoje se encontra. Valemo-nos de alguns excertos dos depoimentos de cinco vultos Limianos que deixaram as suas opiniões no Jornal Cardeal Saraiva, n.º 743 a 747, publicados de 13 de Outubro a 10 de Novembro de 1927. Dado tratar-se de textos longos, apenas registamos as partes que consideramos mais oportunas (foi respeitada a grafia da época), convidando o leitor mais atento e curioso a deslocar-se à Biblioteca Municipal onde os jornais em causa podem ser consultados.

Pela análise dos mesmos, podemos dizer que em Ponte de Lima mudam-se os tempos... e as vontades...



Eu sou, por temperamento e pela educação do meu espírito, sinceramente avesso a emitir opinião sobre assuntos que conheça mal, e sobretudo escrupuloso em abster-me de críticas a trabalhos feitos por técnicos da especialidade. E, procedendo assim, estou dentro da lógica comesinha que não pode aceitar que os planos e os alçados de um edifício sejam feitos por um mestre de obras, por muito competente que ele seja no seu campo de acção, como não admite que um enfermeiro, seja ele diplomado e excelente, se permita exercer funções que só a um médico incumbem. [...] É que há um aspecto sobre o qual eu tenho a minha opinião, que para o efeito não precisa de ser a de um técnico.

Refiro-me ao prejuízo que para a Avenida Velha, como lhe chamam, possa resultar da construção do mercado tal como vai iniciada. [...]

Pelos caboucos que estão a ser abertos a dois ou três metros da fila esquerda de plátanos, é de presumir que a Avenida venha a ser consideravelmente prejudicada. A Avenida – o que a vila tem de mais nobre e gracioso aspecto – tem, indiscutivelmente, uma entrada airosa e desafogada, mercê duma estrada que a destaca do feio casebre e dos muros que a ladeiam.

Ora, um edifício a construir nesse ângulo, por muito elegante e arquitectonicamente perfeito, construído sobre os alicerces que lhe estão fazendo, terá de prejudicar alguns dos plátanos da entrada, ou os plátanos o prejudicarão a ele.

Em qualquer dos casos, não me parece arriscado afirmar que a entrada da Avenida perderá a nota de sóbria elegância e de harmonia que a caracterizam. [...] Vi parques e lindas avenidas em Marselha (Allés de Meilhau), em Nice (le Chateau), em Milão (parque terminado pelo arco de triunfo de Simplon), em Turim (o lindo Parque del Valentino), etc. e não exagero dizendo que, em grupo, no seu género não vi nunca uma alameda de árvores que excedessem em beleza a nossa, com a sua abóbada abatida, a sua forte e viçosa folhagem e até os seus lindos troncos mosqueados como se os cobrissem peles de enormes leopardos. [...]

...e não é, por via de regras, difícil a um arquitecto, em projecto de obra nova, introduzir alterações sem prejuízo sensível do pensamento original e dos estudos de conjunto, - dispondo as coisas de forma que à Avenida fôsse garantida, pelo menos, a margem do actual caminho e fôsssem poupadadas as árvores.

E, com certeza, estas fariam até valer, assim distanciadas, as linhas elegantes da fachada do mercado.

E aqui tem a minha opinião, que é a de um homem sem política e que só tem uma paixão: a das coisas belas.

Dr. Feliciano Guimarães

Bairro operário onde não há indústrias e um grande mercado onde as vendedeiras cabem num canto do largo de Camões não são assuntos de mais urgente resolução. [...] - Mas o mercado? Acha então que se não devia construir?

De maneira alguma. Por isso mesmo que as vendedeiras de generos se juntam num canto do Largo de Camões e nas manhãs as leiteiras no canto oposto fazem lembrar



os politicos em proximidade de eleições é que julgo necessario um mercado onde caibam e se arrumem todas. Mas nós sabemos bem o que é o feirão.

- E a venda de generos nas nossas feiras quinzenaes?

As nossas feiras quinzenaes Deus nos livre de saírem do areal. Naquele panorama formosissimo a tão variegada policromia dos trajes das nossas lavradeiras, por um dia bem iluminado, coloram um quadro de tão extraordinária beleza que eu não tenho hesitado em servir-me disso para atrair visitantes à terra. Olhe que já estrangeiros de passagem em Portugal aqui chamei com esse pretexto. É que o espectáculo é de formosura única, cheio de vida, de colorido, de movimento. Nós estamos habituados, não sabemos bem o que vale. Não, eu queria um mercado para o feirão mas onde nos dias da feira quinzenal não podessem acumular-se as vendedeiras de generos.

- Mas não será isso o que a camara vae construir? Doutra forma seria necessario um mercado tão vasto?

Não sei. Ainda não vi o projecto, cuja fachada todos me dizem ser bonita e ter caracter. Parece-me que a escolha do local foi acertadíssima. Desaparecerão de um ponto importante da vila uns casebres que muito a desfeiam e a nossa avenida só tem a lucrar com a nova construção.

- Então acha bem que a sua entrada seja estreita, que desapareça a rua lateral por onde seguem os carros de bois para os lados do Topo, que sejam cortadas as primeiras arvores? Deus do ceu!... Todos os Santos nos acudam e nos livrem de todas essas calamidades!... Eu não quero dizer nada disso. O local foi bem escolhido, a implantação da construção nele é que me parece mal. Mas não acredito que se persista nesse erro. [...]

- Não se devia acanhar a entrada da Avenida?...

Nunca. Hoje todos os municipios pensam, por vezes á custa dos maiores sacrifícios em alargar as suas artérias, não em estreitá-las. Cortar as primeiras arvores da Avenida, tornando-a um pouco mais curta, não seria tão grande erro, embora a sua beleza fosse um pouco diminuída. Mas estreita-la e tirar-lhe a passagem lateral isso brada aos céus. Que se havia de fazer neste ultimo caso? Ou os carros de bois passariam a estragar a avenida ou se proibia a sua passagem, o que era uma violencia. Bem sabe que eu não sou defensor da Liberdade, sou defensor de liberdades (com I). É menos popular mas é muito mais util e justo. [...]

Olhe, em rezumo, eu não acredito que uma comissão que já com tão poucos encargos, ou nenhuns, tem asseado tanto a vila, vá persistir em estragar o que nós temos de melhor.

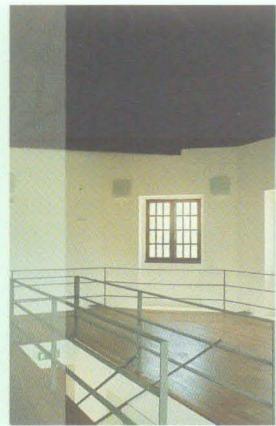
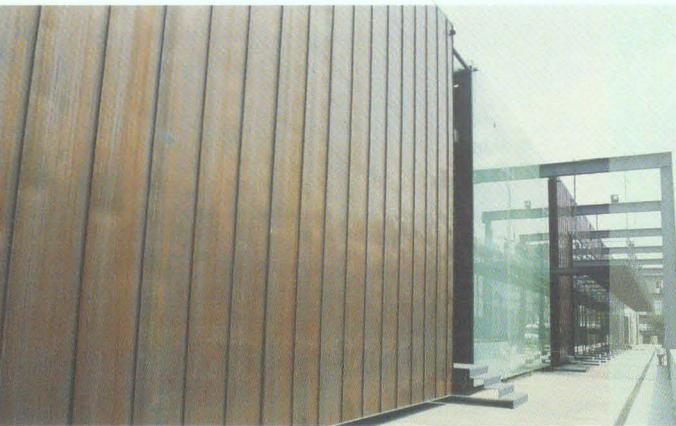
Dr. Francisco de Queiroz

Olhe! Disse há dias êsse artista de valôr, êsse diletante que é o Dr. Feliciano Guimarães, que nunca vira uns platanos como os da nossa Avenida.

Discordo. Vi uns, talvez superiores em beleza intrínseca, num estâozeca dos Pirineos: Orthez. Ninguém repara neles. Porquê? Porque estão abafados, porque os não banha o Lima, porque não estão colocados nessa ribalta de inexcedível, de apoteótica beleza, que é o passeio da Guia e o circo paradisíaco dos nossos montes!

A nossa Avenida de platanos!...





Oportunidade da obra?! Bem vê, eu falo mais como artista do que sob o ponto de vista administrativo a que não me tenho especialmente dedicado. [...]

Edificio para o feirão, para o mercado diario, entenda-se.

Só pelo artigo do meu brilhante camarada e amigo Dr. Francisco de Queiroz pensei na hipótese da feira quinzenal. Mas esse caso deve de estar posto de parte: porque a fazê-la no tal edifício - quero lá crer nisso! - eu seria o primeiro a ir de noite incendiar-lo! Não, que ideia! Esta vereação, uma das mais dignas e mais bem escolhidas que aí tem aparecido, podia lá pensar nisso! Então tinha que eu me ir armar, pois metia rúa nova pela mata abaixo - tão grande vandalismo de leza-beleza limiana é uma coisa como outra!

Oportunidade?! Bem sabe que as Camaras querem sempre deixar o seu nome ligado a uma obra de vulto - e esta questão do Mercado já foi idealizada há muitos anos, quer dizer, há muitas vereações. Já os Drs. Francisco Malheiro e Adelino Sampaio, pensaram nisso. Se me não engano, aquele fidalgo causídico planeava o edifício no Largo de S. João e o infatigável Abrunhosa da Madalena resolvera, creio eu, elevar essa construção no actual terreno. [...]

Olhe, meu caro! Eu acho, ao contrário doutros pareceres ilustres, que o encurtamento da Avenida é tão grande mal senão peor que o estreitamento da entrada! Salvem-se as árvores! Isso sim, seja o unisono clamor!

E não grito que se salve a paisagem porque essa ninguém no-la pode tirar! Acho mau, acho péssimo que se faça um mercado tão próximo do nosso mais lindo passeio. Bem sei que foi o local que os técnicos escolheram dentre todos os sítios apresentados e possíveis. Mas esse é que é o peor mal - e não é recuando 3 metros que as regateiras (cuja voz percorre 240 por segundo!) se ouvem menos ou que o cheiro atinge menos virulência!...

A passagem dos carros para o Tópo não me interessa absolutamente nada! Pelo meio da Avenida não passarão! [...]

Podia-se recuar a fachada, fazer um amplo caminho onde actualmente passam os carros, alinhar o muro tão terrivelmente alvo do Pomar do Sr. João Moraes (esse tão generoso benemerito que nunca Ponte de Lima tem sabido suficientemente agradecer e venerar)...

Podia - e separar esse passeio da Avenida por uma sebe de verdura. Mas lá tínhamos o adro dos Terceiros e Capuchos, fóra do alinhamento... E lá se gastavam mais umas fartas dezenas de contos na expropriação de mais casas... E o óptimo, não foi sempre, tão judiciósamente, o inimigo do bom? [...]

Construa-se o mercado já que tem que ser e respeitem-se as árvores. [...]

E porque não pensa a Câmara numa domus municipalis que está tão naturalmente instalada - o Paço do Marques?

Conde d'Aurora





Pede-me a minha opinião sobre a construção do Mercado Municipal. [...]
Não lhe dou o meu parecer: apresento-lhe o meu protesto, que é vehemente e ardente,
contra tal obra. [...]

Estragar esse local formosissimo – o mais lindo passeio do Minho, na expressiva frase
de Silva Campos, segundo me parece – com o corte de alguns dos magníficos platanos
que são o enlevo dos nossos olhos; estreitar o caminho da ala esquerda da Avenida,
tão necessário para a passagem dos vários meios de transporte; apertar o espaço que
medeia entre o Senhor do Pecçegueiro e a casa da esquina da avenida, acanhando
assim a linda vista sobre o Lima, que, quem descendo o Largo do Chafariz, vem já
gosando, não são actos que pratique uma Camara de bom e são criterio.

E para quê?

Será a construção do mercado uma obra de primeira necessidade? Uma daquelas que
se impõe ao município?

Ninguém de bôa-fé poderá responder afirmativamente. [...]

300 contos, ou talvez mais, que uma Camara de limitados recursos financeiros vai
aplicar no que bem se dispensa, pelo menos por enquanto, é de bradar aos céos!
Com tal quantia e o mais que se lhe juntasse, muito se podia beneficiar essa vila
aumentando a sua área, abrindo-lhe várias arterias, iniciando melhoramentos urgentes,
desenvolvedo-a, enfim, como se deve fazer a uma terra que quer progredir.

A Camara, que é composta de cavalheiros ponderados e esclarecidos, neste assunto
só tem um caminho a seguir: desistir da construção do mercado na Avenida. [...]
Ora... os touros, o foot-ball, e outros importantes assuntos, da valia destes, não dão
tempo para pensar no que é grande, belo e eterno.

E adeus, que já falei de mais... como certos cavalheiros daí, a esta hora estarão dizendo.

Dr. António de Magalhães

Que lhe direi eu, depois das apreciações, entenderes e literarias divagações destes
meus presados e respeitáveis amigos, de mais a mais, quando apenas tenho a ventura
de considerar-me filho adoptivo desta formosa terra de poetas e sonhadores? [...]
Que eu saiba, a não ser o catedrático, os outros não são poetas, e sonhadores somos
todos nós quando imaginamos que, com as nossas sentenças, desviamos o giro ao
mundo. [...]

É que eu sou um pouco sceptico e bastante escrupuloso em dar a minha opinião em
casos destes, principalmente quando, como agora, isso me acontece pela primeira
vez e quando não se auscultou o sentir publico ao iniciarem-se as grandes e
dispendiosas obras do Monte de Santa Maria Madalena e das Escolas Primárias. [...]
Vou, resumidamente mostrar-lhe o meu ponto de vista ancien de président.
Quando, por mal dos meus pecados, me fizeram presidente da C. A. da nossa Camara,
nos princípios do consulado do percursor de Mussolini – Sidonio Paes -, entendi que
o melhor local para a construção de um mercado, era, pouco mais ou menos, o que
agora foi designado... [...]

Sob o aspecto económico, a praça era o menos dispendiosa possível; pelo lado higiénico >





o local é óptimo, tanto por ser batido pelos nossos ventos dominantes, como por estar afastado do grosso do aglomerado das habitações, ter agua proximo e em abundancia para as limpezas e prestar-se a esgotos faceis e rapidos; e sob o ponto de vista estético, era aí até providencial, por acabar com aquele ridiculo aleijão da bela arteria encimada pelo chalet do Dr. Freitas, transformando, por completo a fisionomia acabrunhada da Vila, que não se cança de querer enfeitar-se no espelho do rio.

E se atendermos á vida e movimento da localidade, o beneficio era consideravel, logo que redemoinhariam num círculo entre a Praça da Rainha (o terreiro do Paço), o Mercado Municipal (a praça da Figueira) e o Largo de Camões (o Rocio). [...]

- E a avenida marginal?

Essa lá ficava intacta e eterna, como o meu ilustre colega Dr. Luiz Nogueira a anteviu. Continuaria ladeada pela vetusta estrada de lages seculares, já polidas pelas sandalias dos frades de Santo Antonio e agora bolidas pelas rodagens pesadas das carretas, que o desenvolvimento dos transportes fluviais exige passem sempre para o cais da Guia sem ferir a terra mãe, onde as raizes dos esplendidos e triunfais plátanos sorvem a vida preciosa. [...]

Lembre-se que cada cabeça sua sentença.

Há dias surpreendi uma cavaqueira amena de uns tantos ladinhos gaiatos que, como bons capitalistas, se refastelavam sentados num banco do Largo de Camões, entretidos a chufar de quem passava e a criticar alacremente tudo e a todos.

Dizia um: o mercado fica imponente, grandioso.

Sim, mas a entrada da Avenida fica esganada, respondeu-lhe um segundo.

Irritado, returque-lhe o admirador da nova obra: isso são pieguices que não pegam, é a política no caso.

Um terceiro, que a tudo assistia indiferente, bairrista em extremo, levanta-se e decreta: Rapazes! Olhai que os de Viana nunca gostaram de Ponte do Lima, e com essa discussão que para aí anda sobre a praça regosijam-se, porque ficamos com o melhor trecho da nossa terra prejudicado, a despeito do proveito obtido com o mercado. Sorri-me e preocupei-me mais com uma provocadora moça que passava, cujos olhos fundos e vivos como carbunculos, suaves e macios como veludo velho e alegres como toutinegras, valiam mais, muito mais que o Mercado... Central dos Productos Agrícolas. E adeus, meu jornalista, vou tratar da vida.

Dr. Francisco Malheiro

Lenda do Rio Lima

Não podíamos deixar de nos referir à intervenção no Mercado Municipal sem aludirmos ao painel de azulejos que decora a frontaria que, para além de elemento decorativo, pretende também ser uma lição de história para todos aqueles cuja curiosidade os impele a saber mais sobre Ponte de Lima e sobre a região.

Está ali representada a mais que famosa Lenda do Rio Lima – O Lethe do Esquecimento – tão ligada às invasões romanas. Trata-se de uma réplica em azulejo, executada pela prestigiada firma Lançôs em tamanho mais reduzido, de uma excelente tapeçaria da autoria do Mestre Almada Negreiros, propriedade da Pousada de Santa Luzia em Viana do Castelo.

Como Limianos e gentes da Ribeira-Lima não podemos deixar de nos sentir orgulhosos por um dos maiores artistas portugueses – nas artes e nas letras - ter registado, de uma forma digna do maior realce, esta lenda que muito representa para a nossa cultura.

Aguarda-se a colocação da respectiva legenda, igual à que consta na tapeçaria. Diga-se a propósito do que deveria ser a participação cívica e responsável dos cidadãos amigos de Ponte de Lima que esta obra resultou da proposta escrita enviada ao Presidente da Câmara por um Limiano ilustre e atento às coisas e que dá pelo nome de Amândio de Sousa Vieira. Para que melhor se entenda o trabalho, aqui fica também a lenda.

Projecto: Arq.^º José Guedes Cruz - Atelier do Monte

Empreiteiro: Teixeira Duarte, S.A.

Custo da Obra: 4 462 500 €

Financiamento: Programa Ambiente e Câmara Municipal





COMANDADAS POR DECIUS JUNIUS BRUTUS, AS HOSTES ROMANAS ATINGIRAM A MARGEM ESQUERDA DO LIMA NO ANO 135 AC. A BELEZA DO LUGAR AS FEZ JULGAREMSE PERANTE O LENDÁRIO RIO LETES, QUE APAGAVA TODAS AS LEMBRANÇAS DA MEMÓRIA DE QUEM O ATRAVESSASSE. OS SOLDADOS NEGARAM-SE A ATRAVESSÁ-LO. ENTÃO, EMPUNHANDO O ESTANDARTE DAS ÁGUIAS DE ROMA, O COMANDANTE CHAMOU, DA OUTRA MARGEM, A CADA SOLDADO PELO SEU NOME. ASSIM LHE PROVOU NÃO SER ESSE O RIO DO ESQUECIMENTO.

E

Era uma vez um rio.

Nascera, sem pressa, entre espessas penhas, numa serra galega, e, sem pressa, foi descendo um vale ameno, bordado de salgueiros e veigas viridentes, avistado, débil pela distância, dos altos montes revestidos de pinheirais, e onde, nos cimos, se abrigavam o refúgio e a agressividade de velhos castros.

Era azul e liso.

Não tinha nome, ainda.

O povo que lhe usava as águas, para a rega, a pesca e a sede, era rude, selvagem, mal sabendo talhar na pedra o machado da lenha; a faca lascada para dilacerar a rês, destinada ao fulgor das brasas; a ponta de lança para a defesa e o ataque contra a violência que lhe rouava o gado e lhe raptava a mulher.

Pela calma do entardecer, a atingir de vermelho os céus do mar próximo, o pastor, recoberto de peles de feras, conduzia os rebanhos até às areias finas das margens, a beberem frescura na limpidez do rio, longa, longamente...

Mas esta paz de paraíso não tardou a ser perturbada pelo passo duro e cadenciado do soldado estranho.

A Roma imperial enviara as suas legiões aos campos ágrestes da Ibérica, vencendo batalhas, edificando estradas lajeadas, as pontes, os aquedutos, as muralhas guerreiras, os templos para os deuses, os anfiteatros e as arenas para os prazeres da arte e do desporto.

Elas invadiam, implacáveis, o bucolismo da paisagem doce, empunhando a agudeza da lança e o escudo de coiro lavrado, entre o arruído dos pesados carroções e o tropejar febril dos cavalos.

E, um dia, eis que o arreganho destas legiões chega junto à margem sul do rio

de que vos falo, com seus pendões rubros, constelados de águias, sacudidos por uma brisa mansa,

E estaca, rendido, deslumbrado!

No arrebatamento da visão toda a soldadesca excitada supõe estar diante daquele rio Letes, o Rio do Esquecimento, um rio sem par de que lhe falavam as lendas e as narrativas do seu país.

E do Esquecimento, porquê?

Porque se dizia que quem ousasse atravessá-lo, enfeitiçado pela sua beleza, logo esqueceria a pátria, a família, o próprio nome.

Tomado de pavor pelos avisos desta condenação, todo o exército se recusou a mergulhar, naquelas águas encantadas, a poeira das sandálias, obrigadas a calcar o vau da passagem que o levaria, sem perigo, à margem oposta.

Em vão os comandantes lhe davam ordem de avançar.

Em vão o chefe supremo, Décio Júnio Bruto, lhe ameaçou a desobediência com a prisão e a morte.

Ninguém se movia dali, paralisado pela emoção e pelo medo.

Mas Décio Júnio Bruto teve uma decisão feliz.

Apeando-se do seu ginete, atravessou, lento, as águas feiticeiras, com o escudo a proteger-lhe a cabeça, a curta espada desembainhada na firmeza da mão.

E, mal atingiu o areal da margem direita, vencendo o rumorejar do arvoredo, o gorjeio mavioso dos rouxinóis, começou a bradar pelos seus homens, hirtos, perfilados à sua frente, como estátuas estáticas, proferindo, de cada um deles, o nome exacto, sem revelar esforço de memória.

Só desta forma convenceu os seus soldados que, afinal, o rio que lhes corria aos pés

não era o Letes do esquecimento, apesar da sua beleza, apesar do seu fascínio.

Então todo o exército atravessou, sem hesitar, as águas calmas e brandas, e seguiu para novas paisagens, novos montes e vales, novos rios, embora nenhum deles tão deslumbrante.

E aquele rio que, por um momento de paixão e de temor, fora baptizado de Letes, continuou a correr, sem pressa, até ao desenlace da foz.

O rio tem, hoje, o nome de Lima.

E, tal como outrora, ei-lo que fascina, pela sua beleza, quem dele se abeira, lhe escuta o leve fluir, já ladeado, agora, pela riqueza e nobreza das igrejas e santuários milagreiros; pelos escuros solares armoriados e a branura alegre dos casais; pelo bulício de antigas povoações com suas elegantes pontes arqueadas sobre barcos pesqueiros; e, por todo o horizonte, as torres, os pelourinhos, as cruzes...

Rio do Esquecimento?

Não.

Rio da Lembrança.

Lembrança viva destas terras amoráveis, por onde desliza e que parece beijar.



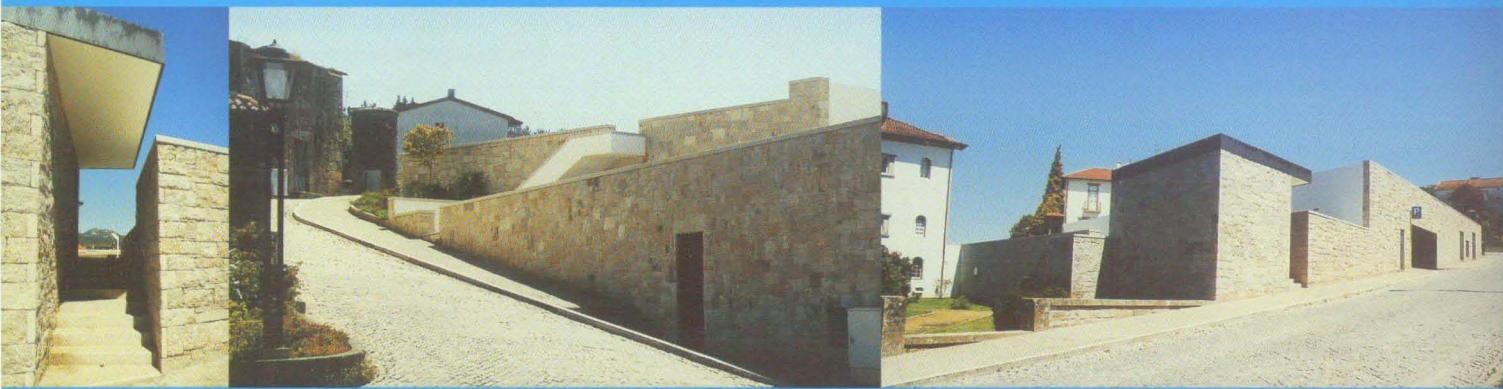
António Manuel Couto Viana

Lendas do Vale do Lima, VALIMA, Vale do Lima, 2002.

Ilustração de António Vaz Pereira



Parque de Estacionamento junto aos Paços do Concelho



Encontra-se concluído o novo Parque de Estacionamento junto aos Paços do Concelho, a sul dos mesmos, implantado num terreno que estava desocupado na sua quase totalidade, exceptuando-se uma reduzida faixa periférica de jardim. A área de implantação total da intervenção é de 1.319,5 m², dos quais 183,5 m² não implicaram impermeabilização do solo. O novo parque tem capacidade para 99 automóveis, sendo quatro lugares destinados a deficientes e tem, também, uma pequena área reservada a motociclos. Na sua cobertura foi implementada uma zona verde e de lazer e um percurso pedonal equipado com bancos de jardim de onde se poderá desfrutar da paisagem natural, bem como da paisagem humanizada do Centro Histórico de Ponte de Lima.

Tendo em atenção o potencial histórico do solo onde se implantou o Parque de Estacionamento e atendendo à história do urbanismo local, nomeadamente a antiga muralha da Vila, foi efectuada uma sondagem arqueológica com as respectivas escavações, de modo a avaliar vestígios culturais antigos.

O estacionamento é efectuado ao longo de cinco rampas inclinadas – três a 5,8%

e as outras duas, intermédias, a 4,3% -, ligadas entre si por patamares de circulação. Além destas, existe uma pequena rampa para entrada e saída de viaturas. O acesso de peões a todos os pisos encontra-se garantido por duas caixas de escadas. O controlo de entrada e saída de viaturas, bem como a cobrança de estacionamento, serão efectuados de forma automática por meio de equipamento apropriado. Além da ventilação natural proporcionada por um respiradouro longitudinal e por duas clarabóias curvilíneas, foi previsto um sistema de ventilação mecânica, de modo a controlar a poluição atmosférica no interior do Parque (zona de estacionamento e escadas, em separado), bem como a facilitar a fuga dos utentes e a actuação dos bombeiros, em caso de incêndio, removendo os fumos.

A segurança dos utentes, das viaturas, do

edifício e da zona envolvente foi estudada para as situações de utilização normal, ocorrência de sismo e incêndios, verificando-se todas as disposições regulamentares e prevendo-se cenários de risco e acidente. A iluminação do Parque é realizada de modo natural, através das clarabóias curvilíneas e pelas clarabóias colocadas no topo das caixas de escadas e, de modo artificial, pela rede de iluminação eléctrica, funcionando, em caso de avaria desta última, a rede de iluminação de segurança. Também a iluminação exterior está assegurada por meio de candeeiros devidamente integrados do ponto de vista paisagístico.

No que respeita a zonas de apoio ao funcionamento do Parque, foram previstas as seguintes divisões: sala de controlo, duas casas de banho, gerador de emergência, zona técnica e duas zonas de arrumos.

Projecto: Professor Ferreira de Lemos

Empreiteiro: Sá Machado & Filhos, S.A.

Custo da Obra: 1.113 000 €

Financiamento: Ministério do Ambiente e Ordenamento do Território, Programa Operacional da Região Norte - eixo 1 e Câmara Municipal

O novo Jardim dos Terceiros

fotografias: Amândio Vieira



No número 13 de Boletim Municipal, de Abril de 2001, apresentamos o projecto de recuperação paisagística que iria criar os Jardins da Ordem Terceira e do Convento de Santo António dos Frades.

Então, para melhor se visualizar a obra pretendida e todo o projecto a implementar, recorremos a uma imagem virtual que acompanhava toda a descrição pormenorizada da intervenção a levar a cabo.

Felizmente as imagens virtuais já não são necessárias pois o novo jardim é hoje uma realidade e pode ser apreciado por todos que fazem daquele local um ponto obrigatório dos seus passeios.

Tal como estava projectado, o tanque foi reposto no local original depois de ser consultada alguma documentação iconográfica que permitiu fazer uma reconstituição do local. Veja-se a contracapa do Boletim Municipal citado, em que foi

reproduzido um curioso postal ilustrado do local, intitulado Ponte de Lima - Os ciclistas, que permitiu o estudo da colocação do tanque onde se encontra actualmente. Também a fonte que se encontrava no muro de suporte da Igreja da Ordem Terceira mudou de lugar. Foi colocada no muro, agora construído, que envolve todo o conjunto do jardim.

Algumas "voltas" já deu esta fonte, pois já lá tinha estado.

Atente-se às palavras de Tito de Moraes, numa compilação intitulada *Calendário de Efemérides Limianas* publicada no "Almanaque de Ponte de Lima" de 1980, em que refere que a 19 de Janeiro de

1752 por ordem do Município, é colocada no jardim defronte do convento a fonte do cais de Santo António.

Podemos perceber que sempre foi intenção da Câmara Municipal manter o local arranjado com o jardim cuidado e com a fonte a "coroar" todo o conjunto. Duzentos e cinquenta anos depois voltou para o seu devido lugar, depois de muito tempo infelizmente preterida para um canto, através de uma intervenção que veio trazer melhorias significativas àquela zona da vila, criando uma relação mais íntima entre a Avenida dos Plátanos, o Museu dos Terceiros e o Teatro Diogo Bernardes.

Projecto: Arq.^{os} Francisco Caldeira Cabral e Elsa Matos Severino

Empreiteiro: Monte & Monte S.A.

Custo da Obra: 293 560 €

Financiamento: Programa Ambiente e Câmara Municipal

O lixo de 2001 em números

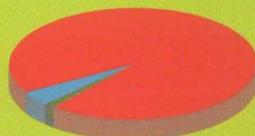
gráfico 1



16%	Papel e cartão
3%	Vidro
10%	Pástico
2%	Metais Ferrosos
46%	Materiais Fermentáveis
2%	Têxteis
21%	Finos <20mm

gráfico 2

Valores em toneladas



8927,6	95% Resíduos Sólidos Urbanos
115	1% Resíduos Hospitalares
400	4% Resíduos Industriais

gráfico 3

Valores em toneladas



247	68% Vidro
94,7	26% Papel e cartão
17,2	5% Pástico
3	1% Metais Ferrosos
0,3	0,1% Metais não Ferrosos (alumínio)

Um das preocupações constantes da Autarquia prende-se com a recolha do lixo. Todas as campanhas em prol da recolha selectiva do lixo, da reciclagem, da reutilização de materiais, nunca serão demais para que um programa de educação ambiental produza os seus frutos no mais breve espaço de tempo.

Sabemos que muitas dessas campanhas têm tido um êxito assinalável, nomeadamente as que são realizadas junto das escolas do ensino básico – pois cada vez mais os mais jovens, gente de palmo e meio, são os mais sensíveis para os problemas ambientais e a aposta neles será o garante de um futuro mais saudável e em que a preservação do ambiente será uma constante.

Acreditam que não vamos desistir. O nosso objectivo é produzir menos lixo e aproveitar mais o lixo. Se cada cidadão contribuir com um pouco de esforço, dentro de muito pouco tempo as páginas do Boletim Municipal irão regozijar-se dos resultados obtidos pela população do Concelho de Ponte de Lima.

Aqui ficam alguns números para que possa compartilhar connosco esta preocupação e para que contribua com dinamismo para que todos possamos afirmar que é bom viver em Ponte de Lima.

A quantidade de resíduos sólidos urbanos recolhidos em 2001, em toneladas, foi de 8 972,6, equivalente a 425 kg/m³, distribuídos em percentagem de acordo com o gráfico 1.

No que respeita aos Resíduos Hospitalares, que implicam um cuidado extremo e uma recolha e tratamento de acordo com os perigos que acarretam, o seu total cifrou-se em cerca de 115,0 toneladas e os Resíduos Industriais totalizaram, estimaadamente, 400,0 toneladas.

Para análise, aqui fica o respectivo gráfico comparativo, em toneladas. Ver gráfico 2. A recolha de lixo no Concelho, durante o ano de 2001, custou à Autarquia **123 000 contos (613 520 €)**, ou seja **337 contos por dia**.

Sabia que **cada Limiano produz, em média, 300 quilos de lixo por ano?**

E que **cada quilo do seu lixo custa, também em média, 6 centimos (12\$50)?**

Mas nem tudo são más notícias.

Pese embora as campanhas de recolha selectiva de resíduos sólidos urbanos ainda não tenham alcançado os objectivos pretendidos, podemos afirmar que estamos no bom caminho.

Durante o ano de 2001 foram recolhidos, selectivamente, os materiais destinados à respectiva reciclagem que o gráfico 3 (em toneladas) ilustra.

E como os apelos nunca serão demais, colabore com a Câmara Municipal para que se produza menos lixo e a respectiva reciclagem seja um factor de realce na vivência do Município de Ponte de Lima. Obrigado a todos.

Escola EB1 de Navió

Mais um Prémio Merecido

O trabalho desenvolvido pela Escola de Navió, desde há anos, tem sido notável pelo dinamismo e pela forma como toda a comunidade escolar é envolvida nas inúmeras actividades e projectos que leva a cabo.

Quase de uma forma anónima e pouco conhecida pela maior parte dos Municípios, esta Escola aceita todo e qualquer desafio, não se escusando aos esforços que os mesmo implicam e entregando-se com afinco à concretização dos mesmos. Prova disso são os inúmeros prémios alcançados em diversos e variados concursos. Muitos desses prémios fazem parte do património escolar e são um complemento de primordial importância ao desenvolvimento pedagógico dos alunos. Estamos a falar de equipamentos informáticos, televisores, equipamentos de áudio e vídeo e outros, ganhos através do empenho e perseverança das crianças de Navió. Participam em concursos desde 1994. Nesse ano concorreram ao desafio patrocinado pelo "Leite Escolar" e, desde então, muitos outros vieram, como "Segurança para Todos", "Riscos e Rabiscos", "Sou Jovem, Tenho Direitos", "Águas do Minho e Lima" e "Pelikan" – este último ofereceu material escolar no valor de 100 contos. Também foram alcançados prémios que se traduziram em viagens – 4 viagens

individuais (com acompanhamento de um adulto) à Euro Disney, em Paris e uma viagem idêntica a Bruxelas.

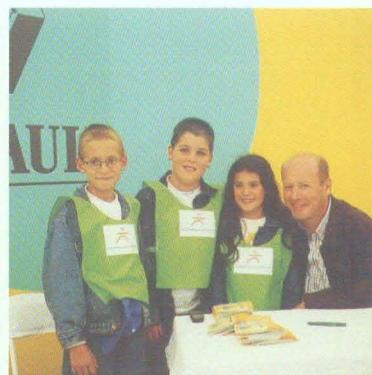
Porém, o prémio que mais agradou aos meninos de Navió foi alcançado este ano. Entre 7 e 9 de Junho, 18 crianças, acompanhadas pela Directora da Escola e por um representante dos pais, viajaram até Paris para visitarem a Euro Disney, prémio alcançado no concurso, de âmbito internacional, intitulado "Segurança para Todos", patrocinado por uma conceituada marca de automóveis, a Renault.

O trabalho que permitiu alcançar este galardão consistia numa proposta de prevenção que inseria uma passadeira pedestre na frente da Escola acompanhada por alguns versos que destacamos:

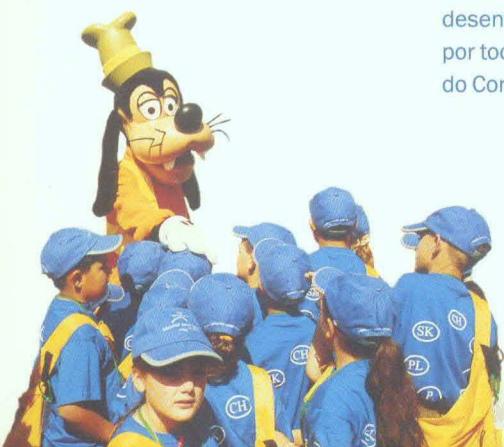
A nossa proposta
É simples e indicada
Para haver segurança
Ao atravessar a estrada

...
E para atravessar a rua
Achámos uma boa maneira
Pegar num pincel e tinta
E fazer uma passadeira.

A finalizar, aqui fica o reconhecimento da Autarquia a toda a comunidade escolar, na pessoa da Senhora Professora D. Rita Arantes da Silva, pelo excelente trabalho desenvolvido que é um exemplo a seguir por todos os estabelecimentos de ensino do Concelho.

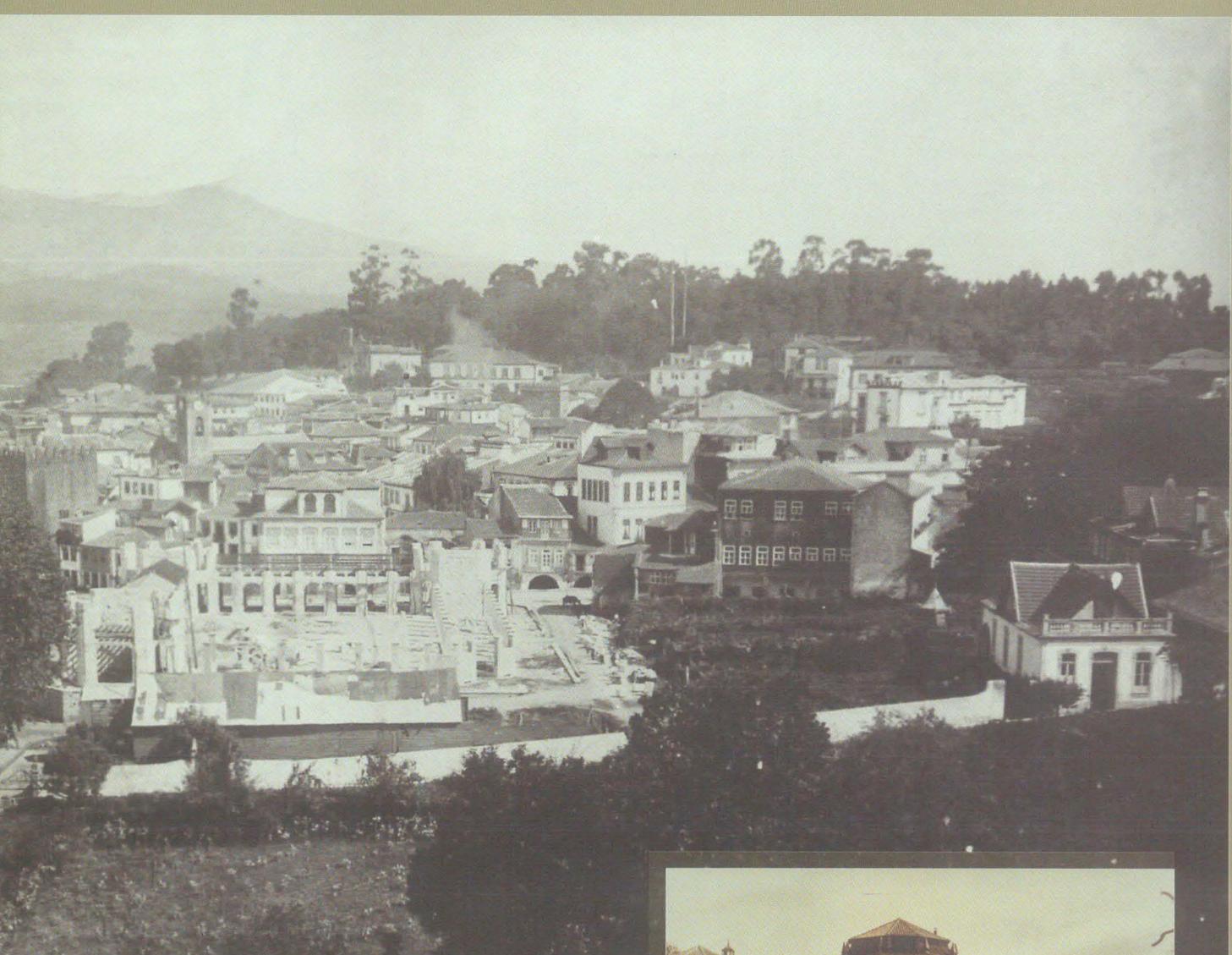


fotografias: EB1 de Navió



José Manuel Lopes Júnior

Mestre Pedreiro



A construção do Mercado Municipal



O Mercado Municipal



Rosácea da Igreja Matriz

fotografia J. Marinho, 1959-1952



Os Beneméritos da Estância da Madalena

Honrar os nossos antepassados é um dever a que nos obrigamos constantemente, seja pela saudade que nos deixaram, seja pelo seu trabalho e actividade social tornando-se dignos da lembrança e do reconhecimento das gerações actuais e das vindouras. Quando estamos perante a recente intervenção no Mercado Municipal, não podemos deixar de recordar e homenagear um grande artífice da nossa terra – o canteiro e mestre pedreiro José Manuel Lopes Júnior, nascido em Arcoselo em 1892.

Foi ele, conjuntamente com o grande número de operários a quem dava o pão a ganhar, que construiu o Mercado Municipal no meio de grandes e acalentadas discussões que se geraram na época e às quais já demos o merecido destaque.

Homem empreendedor, honesto e digno do maior respeito dos seus concidadãos José Manuel Lopes deixou-nos obras de cantaria que ainda hoje são dignas do maior destaque e embelezam, através da fotografia, os roteiros turísticos e muitos ensaios monográficos relacionados com Ponte de Lima e a região.

Sem nos apercebermos, num passeio pelo Centro Histórico de Ponte de Lima, são muitos os trabalhos da sua lavra com que nos deparamos. Sabemos que muitos outros existem, mas a falta de documentação impedi-nos de realizar uma pesquisa exaustiva e a fazê-la, atendendo ao elevado número de obras em que esteve envolvido, seriam poucas as páginas deste *Boletim Municipal* para registar o labor de uma vida dedicada à construção civil e à cantaria artística.

Porém, não podemos deixar de referir algumas para além do Mercado Municipal: a rosácea da Igreja Matriz; a Fonte da Vila; o Monumento envolvente do busto do Poeta António Feijó; o actual restaurante, obras de cantaria e a reconstrução e restauro da Capela do Monte de Santa Maria Madalena (para lá trasladada da freguesia de Moreira); o Fontenário de Freixo; restauros no Santuário do Senhor do Socorro (onde ainda hoje é reconhecido como grande benemérito); restauros em casas particulares como o Convento de Vale de Pereiras e a Casa de Pousada, em Calvelo; as casas do Dr. Vieira Lisboa e do Dr. Luís Gonzaga na actual Avenida António Feijó; inúmeras intervenções em grandes casas dos distritos de Viana do Castelo e Braga; para além da variada produção de estatuária que também fizeram dele um verdadeiro *rendilheiro da pedra*, nome pelo qual o Dr. Francisco Malheiro apelidou a família Lopes – da qual fazia parte o autor do Chafariz Nobre de Ponte de Lima, construído no final do século XVI e inícios do XVII e que o artista aqui homenageado transferiu, em 1929, do Largo do Dr. António de Magalhães para o Largo de Camões.

José Manuel Lopes Júnior casou com D. Alice Pimenta Lopes, de quem teve oito filhos, e faleceu em Ponte de Lima, na sua residência, à Rua Formosa, em 27 de Outubro de 1956. O seu necrológico, publicado no jornal *Cardeal Saraiva*, n.º 1 770, de 8 de Novembro de 1956, regista que gozava de *invulgar popularidade e estima*, foi oficial de diligências da nossa comarca e, simultaneamente, um afamado mestre de construção civil, tendo em ambos os misteres revelado excepcionais qualidades de trabalho.

Foi também um apaixonado da banda desta vila, com a qual dispensou muito dinheiro seu, e um admirador e amigo verdadeiro da nossa formosa estância da Madalena.



Casa particular em Guimarães



A Fonte da Vila



O Fontenário de Freixo



O seu falecimento provocou em todas as pessoas das suas relações e amizade uma onda de consternação, dadas as excelentes qualidades de carácter que o tornavam querido de toda a gente.

Voltando às obras, nada melhor para ilustrar muitas delas que as fotografias da época pelas curiosidades que encerram e pelo muito que podem contribuir para o estudo da história local.

Apresenta-se aqui uma, que julgamos nunca ter sido publicada e em que se pode observar todo o trabalho da construção do Mercado Municipal para além de muitos pormenores da Vila de Ponte de Lima que, infelizmente, não chegaram aos nossos dias. Quem sabe um olhar mais atento e criterioso possa valer-se desta excelente fotografia para nos dar luz sobre alguns aspectos que até agora desconhecemos. As restantes foram gentilmente cedidas pela família de José Manuel Lopes Júnior a quem queremos agradecer as facilidades concedidas e todas as amabilidades, na pessoa da filha do artista D. Gracinda da Conceição Pimenta Lopes, proprietária da Casa de Crasto, na freguesia da Ribeira.

Todas falam por si só.

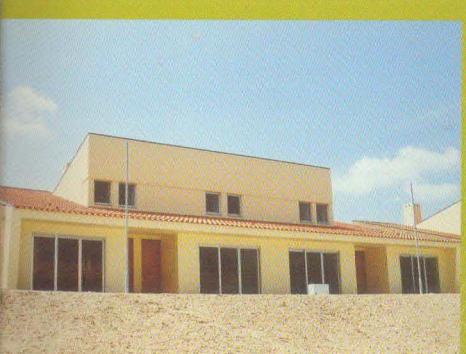
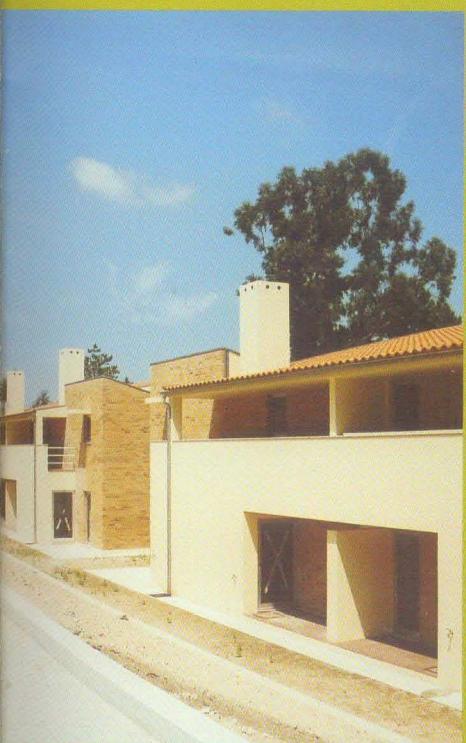
No entanto, não resistimos a alertar o leitor para o número elevado de operários que eram necessários para empreender a árdua tarefa de erguer edifícios e monumentos. E não podemos esquecer que enquanto estes trabalhavam directamente na obra, outros estavam nas pedreiras a extraír a pedra e, outros ainda, encarregavam-se do transporte dos materiais em carros de bois. Grandes empreitadas que só um pulso forte e de reconhecido valor poderia levar a cabo.

Por ser de inteira justiça, regista-se nestas páginas a singela homenagem do Município ao grande artífice que deu pelo nome de José Manuel Lopes Júnior.





Construção de 20 Fogos de Habitação Social em Freixo



fotografias: C.M.P.L.

Os problemas habitacionais em Ponte de Lima, no que concerne à habitação social, são uma preocupação da Edilidade. Promover a construção de imóveis com essa função continuará a ser uma grande aposta da Câmara Municipal.

Como exemplo, o recente projecto de execução de 20 Fogos de Habitação Social em Freixo que aqui, resumidamente, apresentamos.

Como é óbvio, o objectivo foi dotar a freguesia em causa desta estrutura que vai trazer melhorias substanciais no que respeita às condições de vida de 20 famílias daquela zona do Concelho, permitindo a demolição das casas degradadas de madeira do Bairro das Barreiras.

O local onde se insere o projecto apresenta características marcadamente rurais, com ocupação dispersa, onde predominam as habitações unifamiliares, tendo como condicionante um acentuado declive topográfico.

A organização geral do empreendimento traduz alguns desses aspectos em termos de respeito pela escala urbana do local, bem como a necessidade de se poder, num futuro relativamente próximo, proceder a um aumento do número de fogos ou à construção de um qualquer equipamento numa parcela que, nesta fase, se deixou livre.

O conjunto dos 20 fogos organiza-se em 10 edifícios de duas vivendas cada, dispondo de um pequeno logradouro envolvente. Os fogos têm a tipologia T2 dúplex (10) e T3 dúplex (10), ambos os tipos com um quarto no rés do chão, de forma a uma boa utilização por parte de pessoas com dificuldades motoras ou acamados temporariamente, permitindo também que, de uma forma pontual e excepcional, se acople um T1 a um T4 sem qualquer alteração do exterior.

O projecto teve em conta a necessidade de as habitações disporem de um bom conforto interior, privilegiando-se no exterior uma relação equilibrada entre uma grande qualidade dos materiais a empregar e uma grande durabilidade dos mesmos, com poucos custos de manutenção.

A cobertura das habitações é feita com uma lage aligeirada de betão, revestida superiormente com telha de aba e canudo. As superfícies planas exteriores (palas e varandas) são revestidas superiormente em tijoleira cerâmica de barro. As paredes são duplas, com a caixa de ar isolada, em parte com a fiada exterior em tijolo burro e noutro sector em tijolo vazado rebocado exteriormente com textura a areado fino. As soleiras e peitoris são em granito bujardado.

No pavimento do espaço exterior foi privilegiado o emprego de calçada à portuguesa, em zonas de circulação e cubos de granito nas zonas de estacionamento.

Projecto: Câmara Municipal - Arq.^º Tiago Castro

Empreiteiro: Habitilima Lda

Custo da Obra: 1 086 755 €

Financiamento: Instituto Nacional de Habitação e Câmara Municipal

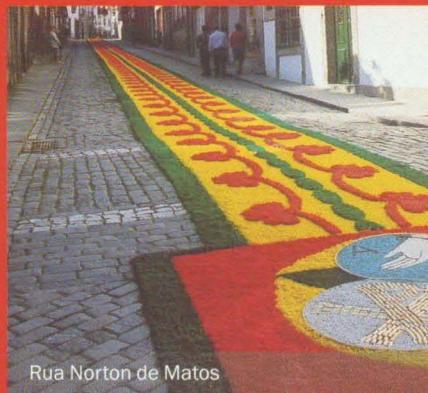


Corpus Christi Os Tapetes de Flores

fotografia: António Vieira



Rua do Rosário



Rua Norton de Matos



Rua do Souto

Na véspera da Festa do Corpo de Deus, a partir da 18.00 horas até ao pôr-do-sol, há na zona urbana da Vila de Ponte de Lima tremenda confusão de gentes que fogem, gritam, refluem daqui para ali, só porque um touro conduzido por pegadores e cordas anda cumprindo uma tradição de touro atado nas grades da Matriz e fez à volta dela três circuitos como em romaria. Marcado por esta sacralidade, ele aí vai para ser corrido e provocado.

É o que resta de um rito purificador do espaço e das consciências que era feito com uma vaca de gado bravo da Serra da Armada, para onde era escorraçada no fim da função. Amanhã passa por aqui a procissão da Festa.

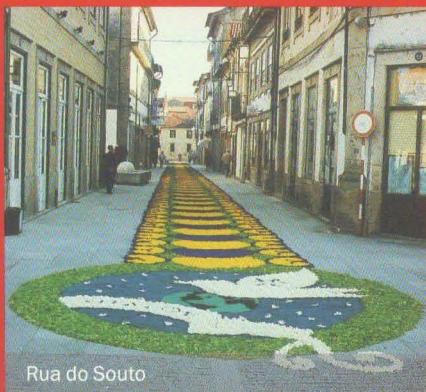
Belíssimo texto da autoria do Rev.^o Padre Manuel Dias publicado na obra *Vale do Lima – Um Rio dois Países*, recentemente editado pela Adril – Associação de Desenvolvimento Rural Integrado do Lima, ao qual nos referimos no anterior número do Boletim Municipal. Com meia dúzia de palavras, o autor retrata-nos toda a vivência da Vaca das Cordas, toda a tradição ligada à Festividade do Corpo de Deus e permite-nos, duma forma agradável e literariamente excelente, introduzir o tema que aqui nos trás – Os Tapetes de Flores na Festa do Corpo de Deus, a antiga Procissão de Corpus Christi.

Foi, em tempos não muito longínquos, a principal festa realizada em Ponte de Lima tal como nas outras localidades do País. A procissão chegava a atingir uma sumptuosidade indescritível e a participação das autoridades civis, militares e religiosas era uma obrigação.

O Livros dos Acordaões da Câmara desta Vila de Ponte do Lima (Posturas Municipais) do século XVIII – belíssimo documento do Arquivo Histórico Municipal –, inicia-se com as obrigações que a Câmara, outras autoridades e o povo, devidamente agrupado pelas profissões que exercia, tinham em relação à realização da Procissão de Corpus Christi. E, para quem falhava, as multas não eram leves, chegando muitas delas a serem pagas na cadeia.



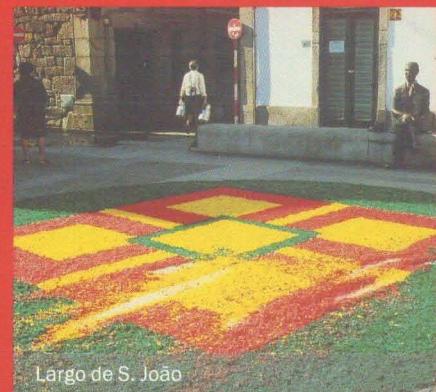
Rua do Rosário



Rua do Souto



Largo da Matriz



Largo de S. João

Felizmente, esta relação popular das nossas gentes com a Festa do Corpo de Deus não se perdeu e o grande exemplo disso é o afincó e a dedicação que os moradores de várias artérias da nossa Vila prestam à realização dos já afamados Tapetes de Flores.

Na madrugada do Dia de Corpo de Deus, descem à rua e, de joelhos no chão, deitam mãos à obra. Algumas discussões acalentam a noite. Discute-se se o molde é para a esquerda ou para a direita, se as cores estão correctas e se o material chega para toda a rua, se fulano ou beltrano aguentará a noitada... No meio da boa disposição que substituiu as discussões (provavelmente sem elas não haveria tapetes...), aí estão eles, orgulhosos do seu mister e empenhados na concretização e manutenção da tradição. Trabalho árduo, iniciado com semanas de antecedência – escolha e execução de moldes, colorização de aparas de madeira, colheita de arbustos e flores e consequente desfolha... – demonstra o amor à terra e ao seu património cultural e religioso duma forma digna de realce.

Aqui ficam algumas imagens dos Tapetes de Flores do presente ano como agradecimento da Câmara Municipal aos cidadãos que os executaram.

Registem-se também as palavras de apreço a todos quantos nos últimos anos têm dado o seu contributo para preservar uma das tradições que cada vez mais está enraizada nas gentes de Ponte de Lima.



Rua Cardeal Saraiva



Ponte de Lima no Caminho Português de Santiago

Há cerca de doze séculos, ainda Portugal não sonhava com a carta de alforria, correu brado que o corpo do Apóstolo S. Tiago dera à costa da Galiza, coberto de vieiras, numa enseada da ria de Arosa.

A incredulidade inicial foi vencida com o beneplácito da Santa Igreja, gerando-se uma onda de devoção que varreu a Europa inteira e que traria a Compostela, onde o corpo ficou sepultado, milhares e milhares de peregrinos de todas as condições sociais, quantas vezes ocultados sob o burrel da mendicância, rogando auxílio e pagando promessas. E nos anos santos, proclamados sempre que a festividade de 25 de Julho acontecia ao domingo, a afluência recrudescia, pois lograva-se a indulgência plenária concedida pela Santa Sé desde 1122.

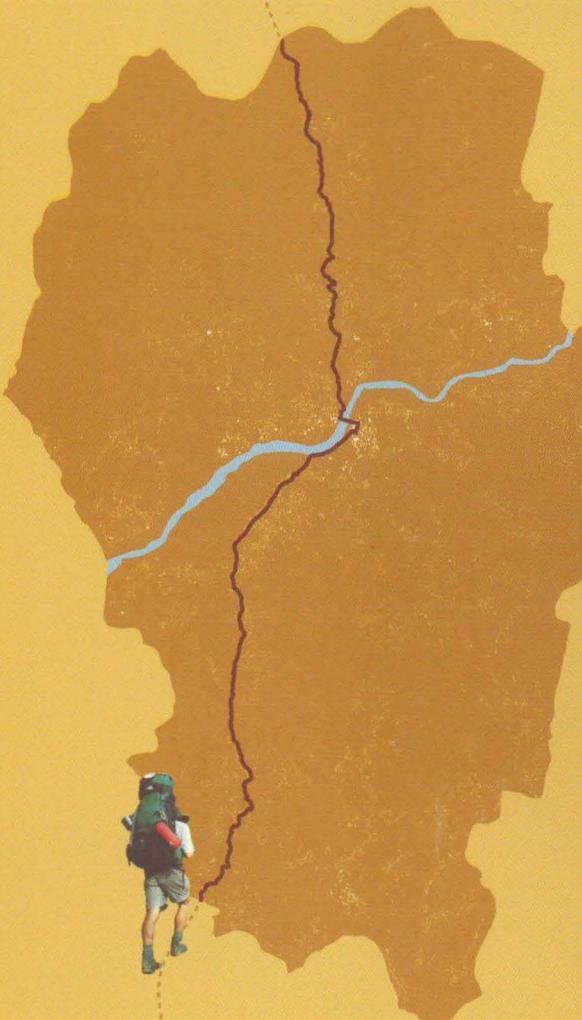
Trilhando montes e vales, vencendo os rios, rasgando densas florestas, os peregrinos geriam o seu percurso dirigindo-se a Santiago de Compostela pelos itinerários mais favoráveis, procurando sempre a rapidez, a segurança e a comodidade possível, desviando apenas se alguma igreja ou convento lhes proporcionasse um auxílio de emergência ou a veneração de um lugar santo. E assim se foram consolidando itinerários seguros que cobriram toda a Europa, convergindo num percurso único a partir da Navarra, hoje vulgarmente conhecido por Caminho Francês.

Foi por estes caminhos que correu a mensagem do Evangelho, levando a todo o velho continente as sementes da civilização cristã, verdadeiro alicerce da cultura europeia. Daí o reconhecimento, já formalizado, do Caminho Francês como principal Itinerário Cultural Europeu e de todo o seu repositório cultural como Património da Humanidade. Mas também de Portugal se peregrinava a Compostela e inúmeros trajectos permitiam a viagem. Um deles, contudo, logrou maior distinção já na dobragem do primeiro quartel do séc. XIV, com a construção das pontes de Barcelos e de Ponte de Lima. Designamo-lo por Caminho Português, não porque outros não hajam, mas porque este se constituiu como a espinha dorsal de quase toda a rede jacobeia do nosso país. Lisboa, Coimbra, Porto, Barcelos, Ponte de Lima e Valença definiam a sua directriz e a ele afluíam as vias secundárias provenientes do interior.

Não se tratava, efectivamente, de uma rota exclusiva de peregrinos. Era uma estrada comum, beneficiada pela movimentação contínua de viandantes, que lhes facultava os apoios necessários na realização das jornadas. Igrejas, capelas, conventos, pontes, fontes, estalagens e hospitais eram a garantia real do apoio entre as povoações. E os quadrilheiros proviam a conservação das calçadas, as forças regulares rondavam para impor a ordem, e a vizinhança, prestimosa e hospitaliera, informava, acudia e enchia de vida os campos e as bouças.

Mas este cenário foi-se apagando, lentamente, com a reconversão da rede viária, que criou novas alternativas e reformulou trajectos puídos pelo uso desde a ocupação romana.

Quando há meia dúzia de anos, a Associação dos Amigos do Caminho Português de Santiago, criada em Ponte de Lima para incentivar a redescoberta das peregrinações jacobeias, meteu ombros à tarefa de identificar o velho itinerário, de o recuperar e de promover a sua utilização e salvaguarda, não imaginava as dificuldades que se lhe





Cruzeiro junto à Capela das Neves, em Cedeçal (Labruja)

poriam. Mas tudo foi superado – a investigação foi bem conduzida; os troços obstruídos foram limpos ou substituídos por alternativas pontuais; a direcção para Santiago foi sinalizada com as inconfundíveis setas amarelas (e o retorno com setas azuis para alcançar Fátima); e tem-se levado a efeito uma excelente promoção ilustrada com a publicação de brochuras e roteiros e, sobretudo, com o apoio logístico dos peregrinos que, em número crescente, vêm solicitando a sua intervenção. E se tudo correr de feição, teremos em breve todo o itinerário Porto – Santiago, numa extensão de 228 km, coberto por uma eficiente rede de albergues e aprovada a sua proposta de classificação como Itinerário Cultural Europeu.

Mas foquemos agora a nossa atenção no concelho de Ponte de Lima. Por onde passa o Caminho?

Provenientes de Barcelos, os peregrinos passam o Neiva na Ponte das Tábuas, atravessam Balugães e por Poiares e Vitorino dos Piães, alcançam a portela da Facha. Descem à capela de S. Sebastião, passam próximo às Quintas do Sobreiro e do Bom Gosto, na Seara, e chegam à Correlhã, que percorrem a eito, desde Anta até à ponte de Barros, onde transpõem o rio Trovela. Pela Senhora da Guia, entram na vila e sob uma frondosa copada de plátanos vão até à boca da rua do Souto, onde outrora ficava a porta sul do casco medieval.

Aqui, cansados de uma jornada de 30 km, procuram alojamento, nem sempre fácil de conseguir, por não estar ainda disponível um albergue de peregrinos. No dia seguinte, manhã cedo, saem da Matriz até ao Largo de Camões, que regista ainda na estereotomia do pavimento a localização da antiga Torre e Porta da Ponte.

Passam o Lima até Além da Ponte e pelo caminho das Tojeiras dirigem-se à igreja de Santa Marinha e depois ao Arco da Geia, que atravessa o rio Labruja. Pouco adiante, em Cepões, está o Caminho interrompido pela A3, obrigando a um desvio por Calheiros ao longo da estrada da Coura.

De novo passam o Labruja, agora na ponte do Arco, e seguem pela estrada até à capela de São Sebastião, onde se inicia a subida da serra, o troço mais duro de todo o percurso. A meia encosta, ofegantes, encontram o Cruzeiro dos Franceses, que regista um triste episódio da invasão napoleónica de 1809. Mas já pouco falta para alcançar o alto, na Portela Grande, onde o concelho confina com o vale do Coura. Estão agora a cerca de meia jornada e com a benção de Santiago deverão chegar pelo fim da tarde à cidadela de Valença.

João Gomes de Abreu de Lima

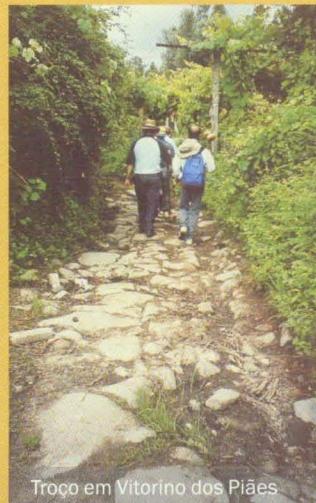
Presidente da Direcção



Associação dos Amigos do Caminho Português de Santiago

Rua do Carreido, 7 4990-139 Ponte de Lima

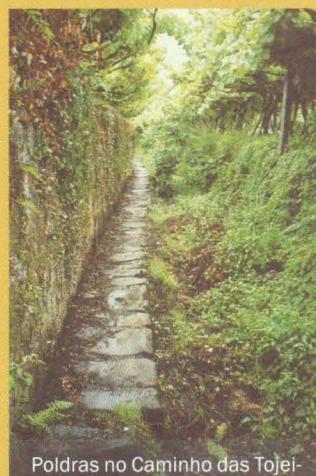
Tel: (351)258900600 Fax: (351)258900609



Troço em Vitorino dos Piães

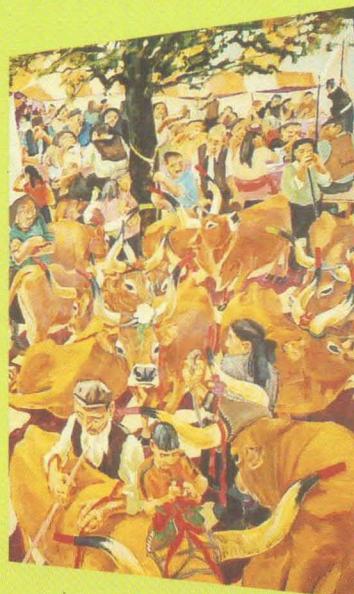
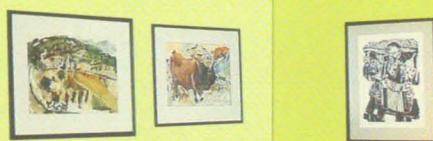


Subida da Serra da Labruja



Poldras no Caminho das Tojeiras, em Sabadão (Arcozelo)

fotografias: Associação dos Amigos do Caminho Português de Santiago



Acção cultural Fevereiro a Junho de 2002

No período de Fevereiro a Junho de 2002 decorreram várias acções vocacionadas para espaços fechados as quais se distribuíram pela Capela das Pereiras, Museu Rural, Torre da Cadeia Velha e Teatro Diogo Bernardes.

A actividade programada, para além de se situar temporalmente em dias que facilitassem o acesso dos diferentes públicos, também teve como objectivo assinalar várias datas importantes relativas a efemérides do Concelho e a manifestações de carácter nacional como é o Dia da Mulher, o 25 de Abril e o Corpo de Deus.

Teatro Diogo Bernardes

Neste espaço e neste período de tempo decorreram e foram realizadas 27 acções ligadas à Música, Teatro, Teatro de Marionetas, Canto Coral, Poesia, Fado e Folclore as quais se integraram numa programação diversificada dirigida a públicos muito variados, passando pelas escolas, associações e população em geral.

As acções com mais destaque foram os Festivais de Tunas, o Encontro de Teatro, as Comemorações do 25 de Abril, os espectáculos de Luís de Matos (estes com lotações completamente esgotadas) e os espectáculos de marionetas dirigidos às escolas do 1º Ciclo do Ensino Básico num programa da Difusão das Artes do Espetáculo (IPAE) e do Ministério da Cultura.

Torre da Cadeia Velha

No corrente ano já está feita toda a programação com uma diversidade de expressões artísticas na área da pintura, intercaladas com uma exposição do caricaturista Sebastião Sanhudo, nascido na vila de Ponte de Lima e com a sua actividade na cidade do Porto.

A exposição de Sebastião Sanhudo tem uma parceria com o Museu da Imprensa, actual detentor dos trabalhos que vão ser expostos de Julho a Setembro de 2002. Como não poderia deixar de ser, no próximo número de *Boletim Municipal* será dado o devido destaque a este evento proporcionando o conhecimento e divulgação da obra de mais um ilustre Limiano. Foram expostas, de Março a Junho, de 2002 obras de Puskas, Colectiva de Artistas Galegos e Paul Waplington. A intercalar estas exposições esteve a exposição "Melhor Água Melhor Vida" preparada pela Empresa de Águas do Minho e Lima para a Feira da Educação e Ambiente.

Capela das Pereiras

A Capela das Pereiras começa a ser o espaço ideal para exposições específicas e para pequenos concertos e recitais. Foi assim que se realizou o recital de violino com Nuno Soares, atraindo um público "novo" à Capela das Pereiras que encheu por completo os lugares disponíveis. Outro exemplo foi o Recital de Guitarra Clássica e Flauta, também aqui realizado pelos músicos Sérgio Echeverri e Rute Cruz e que, à semelhança do anteriormente mencionado, teve lotação esgotada.

A regularidade destes recitais e exposições para a Capela das Pereiras virá dar um novo movimento aquele local e evitará que alguns actos de vandalismo alastrem nas zonas envolventes.

Museu Rural

O Museu Rural é um espaço de grande procura por parte da população de Ponte de Lima, mas também de outros concelhos do País que organizam visitas e solicitam o seu acompanhamento.

Assim, de Fevereiro a Junho o Museu Rural teve 12 163 visitantes e 10 visitas guiadas. No intuito de manter o interesse e proporcionar novas dinâmicas nas visitas, temos vindo a recolher mais peças que serão colocadas em alternativa, dando a conhecer as profissões existentes no nosso Concelho ligadas às artes tradicionais e que já se encontram em vias de extinção. Iniciamos este trabalho com uma exposição de peças alusivas à profissão de Ferreiro, tão forte que foi no Concelho de Ponte de Lima e, brevemente, estas peças serão substituídas por outras ligadas à profissão de Sapateiro.

Animação Cultural em espaços abertos e nas Freguesias

A acção cultural no exterior e em freguesias do Concelho teve os seus pontos fortes nas comemorações do Dia de Ponte de Lima com a intervenção das Bandas de Música em Gandra, Ponte de Lima e Freixo e ainda com a distribuição de uma brochura e texto do Foral de D. Teresa pelas Escolas do 1º Ciclo do Ensino Básico, dando deste modo uma perspectiva pedagógica da importância que representa este dia para todos os Limianos. Com esta acção iniciou-se um processo descentralizador das grandes acções culturais pelas freguesias e que se manterá ao longo do ano com outras actividades. No seguimento deste objectivo desenvolveu-se uma intensa actividade com os Grupos de Amadores de Teatro do nosso Concelho, através de um protocolo que está em vigor há já alguns anos, tendo decorrido espectáculos nas freguesias de Freixo, Anais, Facha, Correlhã, Gandra, Réfoios, Fontão e Arcos.



Animação

Feira de Educação e Ambiente

De 5 a 9 de Junho, numa realização conjunta da Câmara Municipal e da APPADCM – Centro de Reabilitação de Ponte de Lima, levou-se a cabo este evento que, pese embora as condições climatéricas adversas, se revestiu de considerável êxito e permitiu às crianças dos estabelecimentos escolares do Concelho um contacto directo com muitas e diversas actividades de preservação ambiental.

Exposições, ateliers, espectáculos, actividades desportivas e lúdicas, pequenas conferências, jogos didácticos e ambientais, envolvimento com várias associações concelhias, sarau Desperdiç'Arte..., fizeram parte dum vasto programa que preencheu aquele espaço temporal e cativou o olhar atento dos mais novos e dos mais curiosos. A Autarquia, numa programação metódica, proporcionou transporte a todas as crianças do Ensino Básico, proporcionando-lhes assim a participação em diversas actividades com especial destaque para os espectáculos teatrais e de marionetes, para o Desperdiç'Arte – atelier em que a reutilização de materiais desperdiçados é uma constante surpresa -, e para os variados jogos didácticos.

Também nesta Feira se divulgou todo o trabalho até agora empreendido na Paisagem Protegida das Lagoas de Bertiandos e S. Pedro de Arcos, tendo-se também realizado ali algumas actividades.

As campanhas de preservação e conservação do ambiente continuarão a ser uma constante por parte da Edilidade pois a Educação Ambiental será um dos factores primordiais de desenvolvimento de Ponte de Lima.

1º Certame Promocional dos Vinhos e dos Produtos Regionais

O êxito alcançado nos últimos anos com a realização das Festas do Vinho Verde, consideradas um excelente cartão de visita de Ponte de Lima, abriu novos horizontes que permitiram o engrandecimento do certame que este ano optou pela denominação epigrafada.

A promoção do evento esteve a cargo da Escola Profissional de Agricultura e Desenvolvimento Rural de Ponte de Lima (EPADRPL), da Escola Superior Agrária de Ponte de Lima (ESAPL) e da Associação de Desenvolvimento Rural Integrado do Lima (ADRIL), com o apoio da Câmara Municipal.

Os objectivos do certame passam pela promoção dos vinhos verdes e da respectiva região; a criação de redes de negócio na área dos vinhos a nível interno e de exportação e importação; a contribuição para um melhor conhecimento do mercado do vinho, estabelecendo contactos que permitam o desenvolvimento de actividades comerciais; a criação de um ambiente propício para o estabelecimento de contactos entre os organismos presentes e os produtores vitivinícolas; e por último, mas não menos importante, melhorar a imagem do mundo rural e a cooperação inter-regional.

Assim, de 13 a 16 de Junho, na Avenida dos Plátanos, decorreu a efectivação do certame que constou de programa variado ao qual não faltou a componente de animação que o transformou numa verdadeira romaria popular em que o Vinho Verde foi rei.

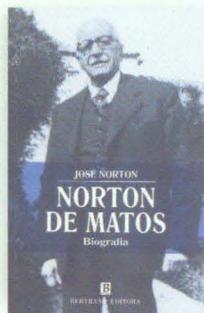
Outras actividades

A Câmara Municipal continuar a apostar na promoção dos valores culturais dos Municípios através de actividades diversas que, para além das já apresentadas nesta página e na que se debruça sobre a Acção Cultural, vão desde as conferências às apresentações de livros.

Por isso, não podemos deixar de registar aqui a excelente conferência proferida, no Auditório Municipal em 27 de Maio, pelo Rev.º Senhor Padre Dr. António Vaz Pinto, subordinada ao tema *Que futuro para a família? Que família para o futuro?*

Esta acção encheu por completo o espaço referido e as suas palavras trouxeram um contributo muito forte para problemas actuais da nossa sociedade.

Os lançamentos e apresentações de livros também têm marcado a vida cultural limiana e, ultimamente, foram apresentadas em Ponte de Lima as obras *Lendas do Vale do Lima*, em 26 de Abril e *Norton de Matos – Biografia*, em 25 de Maio, esta última da autoria de José Norton, evento a que se associou muito público e em que o Dr. Luís Dantas fez uma apresentação notável. Hélder Costa, ilustre dramaturgo, escritor, encenador e Director da Companhia de Teatro A Barraca, também esteve entre nós, na Biblioteca Municipal, para apresentar os seus mais recentes livros *Queres ser Ministro?*, a 1 de Março e *Conversas com Gente Famosa*, a 28 de Junho, momentos bastante agradáveis e com situações hilariantes que permitiram a todos os presentes um contacto directo com o artista e comunicador impar.



Norton de Matos

Biografia

Com o número 4 da Colecção Figuras de Todos os Tempos, a Bertrand Editora publicou este título da autoria de José Norton que veio preencher uma grande lacuna no conhecimento da grande figura histórica que foi o General Norton de Matos.

O autor, sobrinho-neto do biografado, é economista, licenciado pelo ISCEF em 1972, tendo desenvolvido a sua actividade profissional em gestão de empresas.

Paralelamente, tem dedicado as suas horas livres ao estudo da arqueologia e da história e aguardam-se outros trabalhos de natureza histórica que tem em preparação. A melhor forma de recomendarmos a obra, é através da publicação do texto com que o Dr. Luís Dantas, escritor limiano, a apresentou em Ponte de Lima e que aqui damos a público na íntegra:

O Dr. José Norton, nesta sua obra, começa por evocar a paisagem limiana, berço do seu (e do nosso) herói biografado:

«rio Lima, (...) (n)a tranquilidade das suas águas e (n)a beleza das margens, (...) animado na altura por permanente movimento de barcas à vela.»

A este quadro sucedem-se outros, como a feira em cada quinze dias:

«No meio daquele formigueiro, gargantas refrescadas pelo vinho verde, havia de tudo: festa e alegria, ajustes de contas, varapaus a zunir, cabeças partidas e até motins e revoltas tinham nascido em dias assim. Depois voltava tudo a uma aparente letargia, pois em Ponte de Lima nunca parava o trabalho do pequeno artesanato e a vida dos diversos comércios.

Era assim o lugar em que, a 27 de Março de 1867, reinado de D. Luís e governando Joaquim António de Aguiar, nasceu José Mendes Ribeiro Norton de Matos, quarto filho, segundo sobrevivente, de Tomás

Mendes Norton e Emília da Conceição de Matos Prego e Sousa.»

José Norton põe depois em cena esse menino, «baptizado (...) na Matriz de Ponte de Lima», vivendo a infância «entre a casa de Ponte de Lima e o Convento de Refojos, aprendendo as primeiras letras em Ponte (foi seu primeiro mestre «o bom velhinho José do Sixto, da Correlhã»), Viana e Braga. Vamos encontrá-lo distante da terra, aos 11 anos de idade, «a caminhar», como ele próprio diz, «na senda espinhosa dos estudos» e a exprimir as suas emoções através de várias cartas. Numa delas, enviada a seu irmão Arnaldo, manifesta a sua mágoa pelos métodos escolares e a sua revolta é contida diante de um mestre que «agarrou numa palmatória ou antes um cepo de buxo e começou a bater com quanta força tinha nas minhas não muito grosseiras mãos. As lágrimas, vindas por a dor, inundaram-me os olhos e apesar de eu lhe pedir que não me batesse mais ele continuou, dizendo que ainda não tinha dado as 12».

Sai de Braga, a meio do ano lectivo de 1880-81, e muda-se para a Escola Académica, em Lisboa. Tinha então 14 anos de idade. Aos dezassete (1884), está em Coimbra. Ao longo de quatro anos, abraça muitas das ideias que, no tempo de Eça e Antero, tinham chegado à cidade pelo caminho de ferro e está presente e activo nas lutas dos estudantes.

Queria ser médico, mas terminou o curso de Bacharel em Matemática e «acabou por escolher ser engenheiro militar.» Na vida militar, desde Novembro de 1887, o seu prestígio começa a afirmar-se na Índia. José Norton seguiu-lhe o rasto ao longo de 9 anos. É lá que decide casar por procuração: o casamento realiza-se em

Lisboa no dia 12 de Fevereiro de 1905. A 10 de Março, escreve: «Chegaram ontem aqui pela manhã minha mulher (Ester) e minha filha (Rita). Desde que saí de Lisboa, em Julho de 1898, não tive um dia tão feliz como o de ontem.»

Em 1908, está de regresso. Pouco tempo depois parte para Macau:

«Cá vou outra vez por esses mares fora e para mais longe agora, mas com pouca demora apenas.»

Está de novo em Lisboa, em 1910. A 5 de Outubro, dá-se a queda da Monarquia e a implantação da República. Entre 1911 e 1914, Norton de Matos foi fundador do Centro Democrático Republicano, iniciado na loja maçónica Pátria e Liberdade, membro do partido Republicano Português (mais tarde, Partido Democrático, liderado por Afonso Costa) e governador-geral de Angola.

Tinha já começado a primeira grande guerra: a marcha da República continuava a ser constantemente perturbada por divisões partidárias, discordâncias devidas à intervenção de Portugal na guerra, conflitos sociais e quedas de ministérios.

«Durante o ano de 1914 tinha havido quatro governos diferentes! O último, formado pelo Partido Democrático, depois de as referidas divergências terem invadido um governo de coligação, não durou mais de 45 dias.»

Norton de Matos, então governador-geral de Angola, indisposto com os ministérios de Benardino Machado e Pimenta de Castro, demite-se e regressa a Lisboa. A 14, 15 e 16 de Maio de 1915 triunfa uma revolta contra o ministério de Pimenta de Castro. O grande limiano teve um papel vigoroso nessa revolta: «durante aqueles dias», diz a filha, numa carta, para



os avós: «andou sempre fora de casa. Felizmente nada lhe aconteceu, apenas lhe apareceu, há uns cinco dias, a perna direita muito inchada, devido ao muito que andou e às muitas pancadas que deu na perna, naturalmente quando teve de escalar muros e andar por cima de telhados para poder penetrar no Arsenal da Marinha, pois pela porta principal não se podia entrar.» Nas eleições de 13 de Junho o Partido Democrático ganha as eleições. Norton de Matos, eleito por Ponte de Lima, é convidado para ministro das Colónias.

No Conselho de Ministros de 21 de Julho, convocado pelo ministro dos Estrangeiros, é divulgada «uma nota do governo britânico que aconselhava Portugal a desistir da ideia de intervenção na guerra. No meio do assombro e indignação de todos pela atitude inglesa, Norton tomou a palavra defendendo empolgadamente que se organizasse um exército que permitisse a Portugal bater-se fosse onde fosse, «contra quem tente roubar-nos a menor parcela do nosso território, contra quem queira diminuir-nos como nação independente e livre. (...)

No dia seguinte era ministro da Guerra.» Organiza o Corpo Expedicionário Português para combater no Norte de França. Foram enviadas duas divisões, mas a terceira já não chegou a partir. «Em Dezembro saíram do Tejo carregados com tropa, cavalos e material, três navios, dois portugueses e um francês. Mas essa e outra viagem programada para Janeiro acabaram por se não realizar depois da vitória de Sidónio.» É que de facto, quando, no dia 5 de Dezembro de 1917, Sidónio Pais acampou na Rotunda para derrubar Afonso Costa, encontrou pouca resistência: os mais fiéis dos oficiais democráticos

estavam na Flandres. Norton de Matos, presidente interino do governo, apresenta ao Presidente da República a demissão do ministério.

A capital estava controlada por tropas revoltosas e civis amotinados. Grupos desvorados saquearam lojas e assaltaram a casa de Norton de Matos: «escandalharam tudo, levaram tudo, até talheres. Umas damas da vizinhança levaram almofadas da sala de visitas. Que espécie de gente era essa? Garotos, mas especialmente soldados, os soldados do 33, que devia partir para a guerra e não partiu.» Norton de Matos, numa carta para sua mulher e filha, desabafa:

«Nunca imaginei que tudo acabasse como acabou. Trabalhei como ninguém, para levantar o nosso país, para o tornar respeitado e apreciado lá fora e a paga é esta. Se fico, ou me assassinam ou me prendem, se não, o menos que me fazem é demitir-me como desertor e deixarem-me mais pobre que Job. Paciência. Vamos principiar de novo... Temos de lutar mesmo contra a fatalidade das coisas.» Tenente-coronel do Estado-Maior, considerado desertor e abatido ao efectivo do exército, vai com a mulher e a filha para Londres (1918).

Em Lisboa, Sidónio Pais é assassinado no Rossio (14 de Dezembro de 1918). Sucederam-se vários ministérios, e a figura de Norton de Matos volta a emergir: é condecorado várias vezes, reintegrado no lugar de professor do Instituto Superior Técnico, promovido a coronel e depois a General com a aprovação do Parlamento (Agosto de 1919), nomeado alto-comissário da República em Angola (1921-1924) e embaixador de Portugal em Londres (1924-1926).

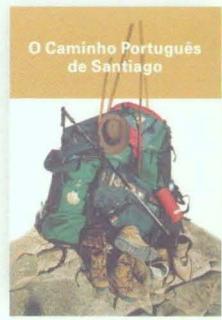
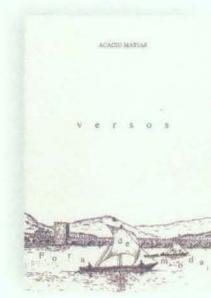
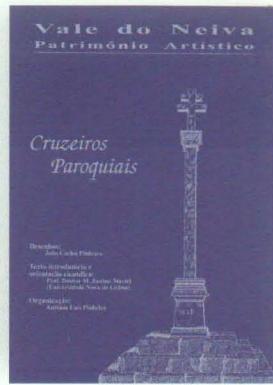
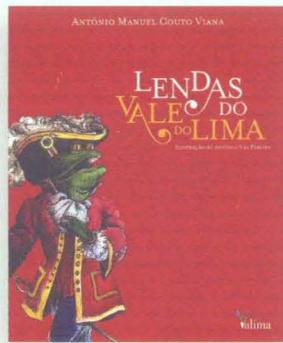
Após a ditadura militar de 28 de Maio de 1926, é demitido do cargo de embaixador, afastado da carreira docente no Instituto Superior Técnico, preso e exilado por várias vezes.

Em 1948 é convidado e aceita candidatar-se à Presidência da República mas acaba por desistir. Tinha então 82 anos.

Muito pouco tempo depois, perde um grande amigo e companheiro de combate: Teófilo Carneiro. Faz o elogio fúnebre no cemitério.

Norton está abalado, escreve e publica ainda mais dois livros, mas o cansaço é muito: «morreu em 2 de Janeiro de 1955 na sua casa de Ponte de Lima.»

Esta obra não é um romance histórico e, não o sendo, arrebata-nos como se fosse um prodigioso romance histórico porque no espaço e no tempo desfila o homem na sua vida pública e privada – desfilam os homens no trabalho e no lazer, na esperança e no desalento, na vitória e na derrota, na dignidade e no aviltamento, na liberdade e na tirania, no temor e na valentia, na alegria e na tristeza, no sofrimento e na saudade, no amor e na ternura, na saúde e na doença, na vida e na morte.



Lendas do Vale do Lima

Mais uma edição da VALIMA – Associação de Municípios do Vale do Lima, datada de Abril de 2002. Trata-se uma obra com excelente apresentação gráfica – design gráfico da empresa xpto design -, e cujo objectivo foi dar um contributo para a reabilitação das lendas e narrativas locais e para o seu conhecimento e divulgação, em particular, junto dos leitores mais jovens.

Lembre-se que esta edição foi destinada, como oferta, aos alunos do primeiro (4.º ano) e segundo ciclos do ensino básico dos quatro concelhos portugueses do Vale do Lima, numa iniciativa de Promoção do Livro e da Leitura aliada à divulgação de aspectos culturais de relevante interesse como é o caso das nossas lendas.

A presente colectânea, da autoria de António Manuel Couto Viana e ilustração de António Vaz Pereira, reúne vinte e quatro lendas e narrativas.

Diz-nos o autor no Limiar da obra:

Rio Lima, rio de lenda.

O Vale por onde desliza, preguiçoso, é todo ele, manancial abundante de lendas doces, que ecoam, ainda, nas montanhas em redor, vão beber mais encantamento e sortilégio em dois outros rios, quer da margem direita, quer da margem esquerda, ou seja o Vez e o Neiva, num alargar de paisagem limiana, toda ela exalando bucolismo de écloga pastoril.

Lendas, muitas, de moiros soberbos e moiras fascinantes, outras de damas e fidalgos de solar, poucas de povo humilde. Aparições e maldições, dando nome a fantasmas, pedras, montes, poços, ruínas e sítios mágicos e de milagre. [...]

Sonho e fantasia descritos em histórias de amor e ciúme, de violência e vingança, sempre de sangue e paixão, mas sempre, também, de justiça no remorso e na morte.

Sonho e fantasia que constantemente se descobrem neste livro e constantemente se lhe é solicitado, para o apuro da sensibilidade do jovem leitor, permitindo a salvação de um mundo cada vez mais materialista, cada vez mais afastado do espírito e do ideal, cada vez mais ignorante da poesia.

Cruzeiros Paroquiais

Vale do Neiva
Património Artístico

A Editorial Artes publicou este curioso trabalho baseado nos desenhos de João Carlos Martins de Castro Pinheiro, com texto introdutório e orientação científica do Prof. Doutor Manuel Justino Pinheiro Maciel e organização de António Luís Maciel de Castro Pinheiro.

Trata-se de uma obra que recolhe os trabalhos artísticos de João Carlos Pinheiro que, com apenas 19 anos, tem calcornado a região onde vive, o Vale do Neiva, para registar de forma peculiar esse tão vasto património que são os cruzeiros paroquiais que, como se diz na introdução, exprimem o devotio à figura de Cristo crucificado e à Cruz, como sinal de Salvação. Ao disporem-se cenograficamente em relação a igrejas e capelas, eles vão igualmente contrapor-se ao edificado, ao urbanismo e à paisagem da época em que foram levantados, condicionando a sua evolução futura. Ponto de referência para o percurso das procissões religiosas e festas litúrgicas, ajudam a definir, a pontuar e a alargar o espaço sagrado, juntamente com os templos, calvários, vias-sacras e alminhas.

Versos Fora de Moda

Acácio Matias, em edição de autor, levou ao prelo este trabalho publicado em Março passado.

Natural de Arcoselo, o autor, de acordo com as suas palavras, encontra-se “emigrado” desde 1956 na ilha da Madeira.

Porém, a saudade da terra natal e as vivências aqui passadas inspiraram-no para algumas das poesias contidas neste conjunto, que define de cariz regionalista e que é um incentivo aos valores do espírito, da arte e da cultura.

Realce também que, depois de pagas as despesas de edição, toda a receita obtida com a venda da obra reverte a favor da Comissão Promotora do Monumento à Rainha D. Teresa, acto de grande altruísmo que aqui registamos.

O Caminho Português de Santiago

A Associação dos Amigos do Caminho Português de Santiago, sob a coordenação de João Gomes de Abreu de Lima e design gráfico de Zairntrés, lançou esta brochura que é de fundamental importância para todos os que se dedicam às temáticas jacobeias e, essencialmente, um pequeno manual para os que pretendem peregrinar a Santiago de Compostela a partir do Porto. Sabemos que a mesma instituição prepara uma guia detalhada do Caminho Português que brevemente será publicada e que esperamos com a ansiedade que o tema merece, pois Ponte de Lima figura no Caminho como ponto de primordial importância desde a Idade Média.

Até lá, podem valer-se desta publicação que, com toda a certeza, lhes aguçará a curiosidade e é, de facto, um elemento bibliográfico de grande valia.

Parques de Estacionamento taxis



Com a abertura dos novos Parques de Estacionamento dos Paços do Concelho e do Mercado Municipal, a Câmara Municipal decidiu implementar, a título experimental, durante o presente ano a respectiva Tabela de Taxas.

Todos sabemos que, com a criação destas novas estruturas – apresentadas nas páginas do presente Boletim Municipal -, muitas serão as vantagens para os Municípios e para os que nos visitam, sobressaindo a qualidade de vida, pois o desvio da área do Centro Histórico de um número significativo de viaturas irá favorecer a circulação de peões, trará um aspecto de valorização ambiental e paisagístico ao areal do Lima e à Ponte Medieval e permitirá que comerciantes e residentes obtenham maior facilidade na circulação das respectivas viaturas. Assim, em reunião de 4 de Fevereiro, a Câmara Municipal deliberou os seguintes tarifários que aqui se publicam para conhecimento de todos os interessados.

Horário	Tarifário Mercado Municipal	Tarifário Paços do Concelho
a) Horário Diurno (8 às 20 horas)	€ 0,50/hora	1.ª e 2.ª hora grátis € 0,50/hora
b) Horário Noturno (19 às 24 horas)	€ 0,40/hora	1.ª e 2.ª hora grátis € 0,40/hora
c) Diário Diurno (8 às 24 horas)	€ 4,00/dia	€ 3,00/dia
d) Diário Noturno (19 às 9 horas)	€ 2,50/noite	€ 2,00/noite
e) Noturno Mensal *	€ 30,00/mês	€ 25,00/mês
f) Diurno Mensal **	€ 50,00/mês	€ 40,00/mês
g) Mensal Total	€ 60,00/mês	€ 50,00/mês

* Das 19 às 9 horas de segunda a sexta-feira e das 0 horas de sábado às 9 horas de segunda-feira.

** Das 8 às 20 horas de segunda a sexta-feira.

> Desconto de 25% para comerciantes, nos lugares destinados a clientes, no segundo ou mais lugares.

> Os comandos de porta serão pagos no seu custo real pelos interessados (só para modalidades nocturnas).

> As tarifas das alíneas a) e b) não serão cobradas num período de tempo inicial, a definir pela Câmara caso a caso, no sentido de promoção e incentivo ao uso dos Parques.



Deliberações da Câmara Municipal

Adjudicações

.Empreitada de Construção de Equipamentos da Área Protegida das Lagoas de Bertiandos e S. Pedro de Arcos – Zona de Chegada; Infra-Estruturas de Apoio ao Parque de Campismo do Centro de Acolhimento da Quinta de Pentieiros.

.Elaboração do Plano de Pormenor da UOPG2 – Área Central da Correlhã.

Aprovações

.Lançamento do Inquérito Público para Revisão do Plano Director Municipal.

.Protocolo a celebrar entre a Câmara Municipal e o Centro Paroquial e Social de Santa Cruz do Lima para construção do Jardim de Infância.

.Projecto para a construção do Recinto Desportivo-Pista de Atletismo com campo relvado central.

.Projecto, caderno de encargos, programa de concurso e abertura de concurso limitado para a Área de Lazer Fluvial de S. Martinho da Gandra.

.Projecto, caderno de encargos, programa de concurso e abertura de concurso público para a Área de Lazer Fluvial do Souto de Bertiandos.

.Conta de Gerência e Relatório de Actividades de 2001.

.Grandes Opções do Plano e Orçamento para o ano 2002.

.Cessão de Quotas da Firma Hidrinor – Hídrica do Norte, Lda.

.Cláusulas contratuais propostas pela Caixa Geral de Depósitos, relativas ao contrato de empréstimo para investimento/habitação social ao abrigo dos Decretos-Leis n.os 110/85, de 17 de Abril e 226/87, de 6 de Junho, para a Construção de Casas de Habitação Social – Construção de 18 Fogos de Habitação Social em Faldejães – 2ª Fase.

.Normas Reguladoras para a Concessão de Subsídios a Associações Culturais e Desportivas.

.Protocolo entre a Câmara Municipal e o Centro Paroquial e Social de Fornelos para funcionamento do Jardim de Infância.

.Cláusulas Especiais de Concessão e Exploração do Mercado Municipal bem como a Tabela de Taxas de Aluguer e Terrado.

.Projecto, programa de concurso e caderno de encargos e abertura de concurso público para o Pólo Industrial da Gemieira – Acessibilidades à Gemieira e S. Martinho da Gandra.

.Projecto, programa de concurso e caderno de encargos e abertura do concurso limitado para Construção de Equipamentos da Área Protegida das Lagoas de Bertiandos e S. Pedro de Arcos – Centro de Acolhimento da Quinta de Pentieiros – Arranjos Exteriores; Edifício dos Estábulos, Armazém e Viveiros.

.Projecto de execução, caderno de encargos e programa de concurso e abertura de concurso público para o Projecto de Valorização Paisagística das Margens do Rio Lima – Jardim dos Labirintos e Piscinas.

.Proposta de Reestruturação Orgânico-Funcional e do Quadro de Pessoal da Câmara Municipal de Ponte de Lima.

.Minuta do Contrato Programa a celebrar entre o Ministério da Saúde – Administração Regional de Saúde do Norte e a Câmara Municipal para a construção de um edifício destinado à instalação da Unidade de Saúde de S. Martinho da Gandra.

.Minuta do Contrato Programa a celebrar entre o Ministério da Saúde – Administração Regional de Saúde do Norte e a Câmara Municipal para a construção de um edifício destinado à instalação da Unidade de Saúde de Refoios do Lima.

.Projecto, caderno de encargos, programa de concurso e abertura de concurso limitado ao abrigo do Decreto-Lei n.º 38-D/2001, de 8 de Fevereiro referente à Empreitada de Rede Viária de Ponte

- de Lima – Reabilitação das Vias de Ligação de Calvelo a Fojo-Lobal e Ramal de Tresmonde, Vitorino dos Piães a Cabaços, E.N. 204 a E.N. 308 em Poiares, E.N. 203 a E.N. 204 na Facha e Ramal da Corredoura.
- .Projecto da Variante Sul de Ponte de Lima – Troço entre a E.N. 203 (Km18+500) e a E.N. 201 – Projecto de Execução.
- .Candidatura para o financiamento do Parque de Estacionamento dos Paços do Concelho pelo eixo 1 do Programa Operacional Norte.
- .Candidatura para o financiamento da construção da Pousada da Juventude pelo eixo 1 do Programa Operacional Norte.
- .Fixação das actividades para os espaços comerciais do Mercado Municipal e fixação da respectiva base de licitação.
- .Liquidação antecipada do empréstimo contraído junto da Caixa Geral de Depósitos.
- .Regulamento do Inventário e Cadastro do Património Municipal.
- .Regulamento do Sistema de Controlo Interno.
- .Acordo de Parceria de Desenvolvimento ON Operação Norte – Programa Operacional da Região Norte – Ação Integrada de Base Territorial – Medida 2.5 – Empregabilidade (FSE).
- .Protocolo entre o Centro de Saúde de Ponte de Lima e a Câmara Municipal – Espaço Saúde Jovem.
- .Protocolo a realizar entre a CAP – Confederação dos Agricultores de Portugal e a Câmara Municipal - Leilão de Gado da Câmara Municipal de Ponte de Lima.
- .Aprovação do loteamento do Castelhão – S. Julião de Freixo.
- .Aprovação dos Protocolos a efectuar com os grupos de Teatro do Concelho e com as Associações de Estudantes do Ensino Superior, para o ano 2002.
- .Aquisição da Quinta do Terreiro – S. Martinho da Gandra.
- .Projectos de Saneamento apresentados pela Empresa Águas do Minho e Lima respeitantes à construção da nova ETAR de Ponte de Lima e de diversas estações elevatórias destinadas à substituição e ampliação da rede de esgotos da Zona Urbana de Ponte de Lima e Freguesias Ribeirinhas do Rio Lima, nomeadamente Correlhã, Seara, Feitosa, Ribeira, Arcozelo, Santa Comba, Brandara e Refoios.

Subsídios e Comparticipações Financeiras

- .Subsídio à delegação da APPACDM para participação no Projecto "A Falar de Várias Formas no Comboio da Fantasia".
- .Comparticipação à Junta de Freguesia de Fornelos para aquisição de viatura para transporte das crianças do Jardim de Infância.
- .Verba de 36.785€, à Junta de Freguesia da Facha, destinada à aquisição de um terreno para a construção de um polidesportivo e outros equipamentos públicos.
- .Comparticipação à Junta de Freguesia da Seara para fazer face às despesas com os arranjos exteriores a efectuar na frente do Cemitério da freguesia.
- .Comparticipação à Junta de Freguesia de Bertianos para o arranjo do caminho das Enchias e recuperação do cais.
- .Verba à Junta de Freguesia de Vitorino dos Piães para as obras de ampliação do Cemitério.
- .Comparticipação à Junta de Freguesia da Ribeira para o Caminho da Ermida.
- .Verba para a Junta de Freguesia de Anais referente ao arranjo de dois caminhos.
- .Transferência de verba para a Junta de Freguesia de Sá referente ao arranjo do caminho junto ao Santuário do Senhor da Saúde.
- .Comparticipação à Junta de Freguesia de Cepões para conclusão das obras na Sede da Junta.
- .Subsídio ordinário à Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Ponte de Lima.
- .Comparticipação financeira total para a ampliação do Cemitério da freguesia da Gandra.
- .Subsídios para diversas actividades culturais, desportivas e recreativas do Concelho.
- .Comparticipação à Junta de Freguesia de Cabaços para as obras de construção do Parque de Estacionamento junto à Igreja Paroquial.

Outras Deliberações

- .Ratificação do Protocolo relativo à Implementação da Candidatura à Subacção 7.1 – Valorização do Ambiente e do Património Rural do programa AGRIS (Núcleo Populacional de Vilar do Monte – Ponte de Lima).
- .Remissão do Plano de Urbanização de Fontão e Arcos para Consulta às Entidades Competentes.
- .Ratificação do Contrato-Programa para a Reabilitação da Rede Viária Municipal de Ponte de Lima, celebrado com a Direcção Geral das Autarquias Locais no valor de 1.878.287 €.
- .Ratificação do Acordo de Colaboração Técnica e Financeira entre o Instituto da Água a Direcção Regional do Ambiente e do Ordenamento do Território – Norte e a Câmara Municipal relativo à Valorização das Áreas de Lazer Fluvial de S. Martinho da Gandra e do Souto de Bertianos.
- .Aquisição de várias parcelas de terreno destinadas ao Pólo Industrial da Gemieira.



Como vem sendo habitual, esta secção do *Boletim Municipal* é e continuará a ser dedicada à iconografia antiga de Ponte de Lima. Felizmente, cada vez mais vão surgindo documentos até agora desconhecidos e que nos possibilitam um maior conhecimento da evolução da estrutura urbana da vila.

No interior deste número publica-se uma curiosa fotografia que documenta vários aspectos da vila na década de vinte do século passado, com especial destaque para a construção do Mercado Municipal. Aqui recuamos mais no tempo.

Através desta imagem (reprodução de postal ilustrado) podemos obter um conhecimento visual do então denominado Campo dos Touros e de parte do Largo do Dr. António de Magalhães.

Na *Tradição Taurófila do Lima* o Conde d'Aurora refere-se a este local dizendo ...já de velhos tempos é o costume das toiradas, que as havia no Largo dos Ferradores (hoje Dr. Rodrigues Alves), onde ainda actualmente trabalha numa linda casa de arcaria ogival e baixa, o meu amigo João da Barca, emerito ferrador de garranos e alveitar conceituado e sabido, com suas cousas de cigano e Marialva. [...]

Houve um redondel na confluência do Passeio D. Fernando e Avenida marginal, frente á cadeia, no Senhor do Peçegueiro...

Vem totalmente a propósito a publicação desta imagem, pois permite uma observação mais atenta às casas que existiam no local onde actualmente se encontra implantado o Mercado Municipal e que na altura eram consideradas "uns casebres" que em nada embelezavam Ponte de Lima. Do outro lado, o edifício que ostenta a publicidade "JOAO SOARES LIMA" albergava desde 1863, no primeiro andar, a Estação Telégrafo-Postal de Ponte de Lima – o mastro da bandeira indica tratar-se de um edifício público. Curiosidades da nossa terra...

Por fim, mais uma vez apelamos a todos aqueles que possuam imagens antigas de Ponte de Lima que as facilitem para publicação, divulgação e, eventual, estudo. Para isso, basta contactar a Biblioteca Municipal.